



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

ANNE RAYTIELLE MOURA DA SILVA

**PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DE PROFESSORES DO ENSINO
PÚBLICO DE ARAGUAÍNA/TO**

ARAGUAINA – TO

2019

ANNE RAYTIELLE MOURA DA SILVA

**PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DE PROFESSORES DO ENSINO
PÚBLICO DE ARAGUAÍNA/TO**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína para a obtenção do título de graduada, sob a orientação da Prof^a Dra. Thelma Pontes Borges.

ARAGUAINA – TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586s Silva, Anne Raytielle Moura da.
SOFRIMENTO E PRAZER NO TRABALHO DE PROFESSORES DO
ENSINO PÚBLICO DE ARAGUAÍNA/TO . / Anne Raytielle Moura da Silva. –
Araguaína, TO, 2019.
66 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.

Orientadora : Thelma Pontes Borges

1. Prazer. 2. Sofrimento. 3. Professores. 4. Escola Pública. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANNE RAYTIELLE MOURA DA SILVA

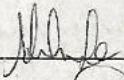
**SOFRIMENTO E PRAZER NO TRABALHO DE PROFESSORES DO ENSINO
PÚBLICO DE ARAGUAÍNA/TO**

Monografia avaliada e apresentada à UFT-
Universidade Federal do Tocantins–Campus
Universitário de Araguaína, Curso de Letras -
Língua Portuguesa e Literaturas para obtenção
do título de graduada e aprovada em sua forma
final pela Orientadora e pela Banca
Examinadora.

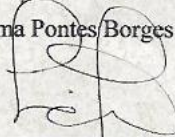
Orientadora: Prof.(a) Dra. Thelma Pontes
Borges

Data de aprovação 18/06/19

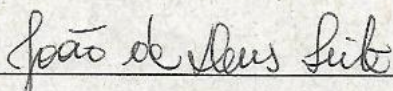
Banca Examinadora:



Prof. (a) Dra. Thelma Pontes Borges orientadora, UFT



Prof(a) Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva, UFT



Prof(a) Dra. João de Deus Leite, UFT

Dedico este trabalho a minha querida mãe que persiste com força e com garra desde sempre, obrigada por tanto empenho na minha formação e de minhas irmãs, obrigada por todas as oportunidades, todos os momentos. Obrigada por nunca desistir. Sem você não conseguiria tanta coragem, não resistiria. Obrigada por ser exemplo de força.

AGRADECIMENTOS

A forma mais pura da vida é ser grato. Ser grato à vida. Ser grato a Deus. Ser grato àquilo em que acreditamos. O importante é sempre agradecer. Sabemos que, durante nossa trajetória irão aparecer percalços que acabam nos deixando frustrados, com sensação de infelicidade ou de ingratidão. Não é fácil ser grato, principalmente quando vivemos sociedade em sua cruel, machista, corrupta. No entanto, é necessário acreditar em si e nutrir bons sentimentos, boas energias.

Mamãe, minha eterna gratidão é sua. Obrigada por ser paciente, principalmente quando precisei adiar esse momento de qualificação. A senhora é um ser fantástico. Obrigada por ser meu apoio, pois, se não fosse por você, não conseguiria concluir a etapa que nos custa fisicamente e psicologicamente. Obrigada por suportar as barras, na maioria das vezes calada sem expressar nenhum tipo de reclamação. Tu és a pessoa mais importante da minha vida. Amo-te, amo muito!

Raylene e Rafaela, maninhas, sou grata pela paciência nos momentos de estresse, de grito, de agonia. Obrigada por contribuir com essa formação tão importante para nós, um trio de licenciadas maravilhoso. Sou eternamente grata. Amo vocês!

Agregados e agregadas também, sou extremamente grata a vocês, somos uma grande família, uma família cheia de atrapalhadas que vive para diversão entre as obrigações, mas não esquecemos o companheirismos. Obrigada pelos momentos de distração. Vocês são especiais na minha vida e extremamente essenciais. Tanmyla, obrigada por não permitir que a distância afetasse a nossa amizade. Gabrielly, Henrique e Vitória, obrigada por extrair o melhor de mim. Amo todos vocês.

Agradeço imensamente minha amiga de jornada, obrigada Ed, pelos momentos leves, pelas procrastinações diárias, pelo apoio moral, pelas conversas sobre feminismo, pelas piadas fora de hora ou de contexto, mas que me fizeram gargalhar e esquecer um pouco da pressão psicológica que passamos juntas. Obrigada pelo apoio. Alexia, a surpresa do fim da graduação, tu chegaste, aparentemente para ficar, desculpe-me por aquela primeira impressão, no entanto, simplesmente tenho o dom de julgar sem conhecer. Obrigada por tirar minhas dúvidas sobre política, obrigada pelas terapias, obrigada por ceder seu colo e cafuné. Vinicius, obrigada por ser companheiro e estar sempre por perto mesmo nos momentos de surto. Obrigada pelas tardes de café e a companhia nos almoços diários. É real, Amo vocês!

Grupo “Além da leitura”, vocês proporcionaram momentos inimagináveis para mim. As rodas de leituras e debates foram de suma importância para minha construção e

reconstrução pessoal e acadêmica. Esse grupo só cresce e fortalece para que possamos continuar firmes na caminhada. Persistência, Thais Almeida, Thais Helena, Felipe, Jherllison, Ed, Débora e Andréia. Débora, agradeço por ser tão cuidadosa comigo, por sempre oferecer afeto. Grupo, amo vocês.

Obrigada, docentes do colegiado de Letras, por não medirem esforços na solidificação desse curso. A licenciatura é uma coisa mágica, e sempre irei ser grata. Foi com vocês que aprendi a amar e ter careza dos meus objetivos para a vida profissional. Com muito orgulho exclamarei que sou formada por professores espetaculares.

Obrigada especialmente à banca que vive esses momentos finais comigo. Obrigada prof. João de Deus por sempre estar disponível, és um ser de luz. Obrigada profa. Luiza Helena sua maneira de conduzir suas aulas fizeram de mim uma pessoa reestruturada e de mente aberta.

Orientadora Thema, pela compreensão, por sempre estar disposta. Acredite, aprendi muito nesse período que passamos juntas. Que possamos nos reencontrar sempre. Infelizmente não nos encontramos antes e por isso, agradeço ao professor Peel por esta união. Minha eterna gratidão a vocês.

RESUMO

Considerando o cenário atual da educação básica pública brasileira, o presente trabalho aborda o tema prazer e sofrimento no trabalho docente. Investiga professores atuantes em sala de aula de uma escola pública do estado do Tocantins. O objetivo principal é analisar as vivências de prazer e de sofrimento, usando a metodologia Dejouriana, sob a perspectiva da teoria da psicodinâmica do trabalho, estudo que aborda a mobilização subjetiva como forma de ressignificação das vivências de sofrimento/adoecimento no trabalho. Para a realização da pesquisa foi utilizado o método qualitativo com questionários aplicados a treze professores regentes de todas as disciplinas da escola e entrevistas gravadas em áudio e individuais com duas professoras de língua portuguesa. Podemos concluir que as vivências de prazer são predominantes estão ligadas ao sentimento realização e de vocação profissional. O sofrimento/adoecimento considerando os participantes de pesquisa aparece de forma moderada e faz eixo com os sentimentos de indignação e de desvalorização.

Palavras-Chave: Prazer. Sofrimento. Mobilização. Professores. Escola Pública.

ABSTRACT

Considering the current context of Brazilian public basic education, the present work deals with the theme of pleasure and suffering in the teaching work, investigates teachers in the classroom of a public school in the state of Tocantins, the main objective is to analyze the experiences of pleasure and suffering, using the Dejourian methodology, from the theoretical perspective of psychodynamic work, a study that approaches the subjective mobilization as a form of resignification of the experiences of suffering / illness at work. In order to carry out the research, the qualitative method was used with questionnaires applied in thirteen teachers from all disciplines of the unit and audio and individual interviews with two Portuguese teachers. It can be concluded that the experiences of pleasure are predominant and are linked to the feeling of accomplishment and professional vocation. Suffering / illness in the workers subjects appears in a moderate way and makes axis with the feelings of indignation and devaluation.

Keywords: Pleasure. Suffering. Mobilization. Teachers. Public School

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1° CAPÍTULO TEORIA DE BASE: PSICODINÂMICA DO TRABALHO.....	14
2° CAPÍTULO A ARTE EM FORMAS.....	23
3°CAPÍTULO METODOLOGICO.....	33
3.1 Fundamentação teórica da metodologia	33
3.2 Apresentação de resultados.....	37
3.3 Apresentação das entrevistas	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	56
ANEXOS	60

INTRODUÇÃO

Falar, discutir e escutar sobre saúde é sempre mais fácil para nós, do mesmo modo que compartilhar as alegrias é sempre mais tranquilo e menos arriscado. Há quem acredite nas forças das palavras, na ação do universo. Trazer discussão a respeito de adoecimento, sobre as tristezas, os percalços existentes é anos luz mais complicado. Dificilmente, encontram-se sujeitos que admitam suas dores, principalmente numa sociedade marcada pelos preconceitos relativos ao adoecimento psíquico. Permanecer no sofrimento é comum. Normalmente, os sujeitos não estão preparados para pedir ajuda, não estão preparados para demonstrar fraquezas e, socialmente, é uma característica não aceita e ignorada.

Este trabalho de monografia é resultado de uma pesquisa realizada com profissionais da educação básica. Os participantes de pesquisa foram 13 professores de uma escola pública de ensino fundamental II. O estudo está fundamentado na teoria da psicodinâmica do trabalho, criada por Christophe Dejours a partir da década de 90. Para a psicodinâmica, o trabalho é construtor da identidade de cada indivíduo, fonte de formação das sensações, dos sentimentos. Por isso, a psicodinâmica é um processo de investigação do ambiente do trabalho. A teoria procura a compreensão da dinâmica, dos conflitos entre os sujeitos trabalhadores e a organização do trabalho. Para a psicodinâmica, o sofrimento tem dois caminhos: ou gera trabalho produzindo prazer ou vira adoecimento a partir da impossibilidade de dar sentido a tal experiência (DEJOURS, 2007).

De acordo com Mendes (2007), a psicodinâmica é uma abordagem científica que estuda o sujeito e sua relação com a organização do trabalho, sendo esta determinante do sofrimento. Para Christophe Dejours (1992), o trabalho produz ações sobre o sujeito-trabalhador, surgindo o sofrimento em consequência da colisão entre os desejos pessoais do trabalhador e os da organização, fazendo com que apenas desejos da empresa sejam supridos.

A ocorrência de adoecimento no quadro de professores é constante, e as doenças que estão aparecendo com frequência são o stress, depressão, agravos emocionais, processos de ansiedade, angústia, desânimo e apatia. Ainda há casos como irritabilidade, cansaço extremo, agitação, baixa concentração e queda no desempenho profissional. Reconhecemos professores com sensação de falta de ar, alterações no timbre, e até perda temporária de voz, são alguns adoecimentos recorrentes entre professores (MARTINS; HONÓRIO, 2014).

O trabalho humano sempre foi visto de maneiras distintas, e desde a industrialização o trabalhador vem perdendo força. A Revolução Industrial (1760 - 1850) teve papel de destaque

na mudança das condições de vida social e de trabalho. A era industrial, que teve início no século XVIII, foi caracterizada pela mecanização da produção e conseqüente reformulação da concepção de trabalho, já que grande parte do trabalho exercido pelos operários foi substituída por máquinas (SANTOS, 1999). Acreditamos que não existe sujeito que vive socialmente isolado do seu trabalho, pois este, provavelmente dedicará a maior parte do seu tempo para construir seu trabalho, sua carreira.

O adoecimento no trabalho não era pauta de discussão até a década de 80, quando a psicodinâmica foi inaugurada como teoria. Não existia no debate mundial certame sobre o adoecimento ser conseqüência do trabalho. Com interligações na sociologia, ergonomia e psicanálise, a psicodinâmica estuda as formas do sofrimento e seus processos, as relações dos homens e a organização.

A disciplina faz estudos das vivências, das experiências do trabalhador, sempre se importando com os fatores de desequilíbrios, não com as patologias. O objetivo final é entender como os trabalhadores conseguem manter-se no equilíbrio com a pressão, submissão do ambiente de trabalho, sendo que as condições do trabalho são, em sua maioria, desestruturantes (DEJOURS, 2004), além de tentar transformar situações desagradáveis, ou não prazerosas em busca de prazer e bem-estar.

O objetivo geral deste estudo é investigar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de professores da escola pública estadual. Como objetivos específicos, definimos:

- a) Analisar o sofrimento psíquico de professores de escola da rede pública de Araguaína/TO;
- b) Conhecer os aspectos de prazer relativos ao ambiente de trabalho;
- c) Caracterizar o trabalho nas dimensões da organização do trabalho, as condições e as relações socioprofissionais;
- d) Verificar os fatores apontados por docentes quanto à sua percepção de sofrimento no trabalho.

O trabalho obedecerá a seguinte estruturação. No capítulo I, apresentamos o teórico Christophe Dejours, considerado o “pai da psicodinâmica”. Ainda neste capítulo apresentamos a psicodinâmica e como ocorreu seu desenvolvimento. No segundo capítulo, apresentamos a representante da disciplina no Brasil, Ana Magnólia, e faremos apresentações de trabalhos em diversas áreas que se respaldaram na teoria de Dejours. Na última parte do desenvolvimento da monografia, apresentamos os dados da pesquisa, as discussões e resultados. Em suma, o trabalho apresenta o sofrimento, como fonte de doenças físicas e emocionais. Os professores, mesmo com sua maneira particular de expressão do sofrimento, é

possível perceber falhas, pois, aparentemente o ambiente de trabalho não é problema, existem resquícios de desgastes por causa do trabalho

1º CAPÍTULO

TEORIA DE BASE: PSICODINÂMICA DO TRABALHO.

Christophe Dejours, 69 anos, nascido no dia sete (07) de abril de 1949, vive em Paris, França. É doutor em medicina e especialista em medicina do trabalho, psiquiatra, psicanalista, ergonomista. Atualmente é assistente de medicina do trabalho da Faculdade de Medicina de Paris e membro da Associação para a Abertura do Campo de Investigação Psicopatológica (AOCIP) e do Laboratório de Psicologia do Trabalho do “Conservatório Nacional de Artes e Ofícios” de Paris.

Dejours tem pesquisado a vida psíquica no trabalho há mais de 30 anos, tendo como foco o sofrimento psíquico e as estratégias que são utilizadas pelos trabalhadores para a superação e transformação do trabalho em fonte de prazer. O estudo desenvolvido tem como nome psicodinâmica do trabalho, no entanto já foi referenciado como psicopatologia do trabalho (MENDES, 2007).

Dejours é reconhecido como o “pai” da psicodinâmica e psicopatologia do trabalho. Por causa desse trabalho, as teorias de Dejours constituem uma escola de pesquisa que é titulada como a escola Dejouriana. Essa escola se articulou com diversos especialistas, Surgiu primeiro na França, no entanto hoje atingiu outros países, inclusive o Brasil, estudando e analisando as relações de prazer, sofrimento no trabalho. Atualmente há diversas publicações aplicando esse método teórico.

Conheceremos brevemente as principais obras que contextualizam. A psicodinâmica têm três fases de articulação e complemento, foram divididas em publicações específicas. Iremos salientar esse marco importante.

A primeira fase liga-se à obra que foi traduzida no Brasil em 1987, porém a primeira publicação aconteceu em 1980 na França. Em português, a obra foi traduzida como: “A loucura do trabalho: estudos de psicopatologia do trabalho”, Em francês, se denomina “Travail: usure mentale – essai de psychopathologie du travail”.

Nessa fase, a psicodinâmica era nomeada de psicopatologia do trabalho, centrava-se na origem do sofrimento e no confronto do âmbito do trabalho e do trabalhador. O objetivo é compreender o sofrimento e a maneiras para solucionar os conflitos, assim fazendo o trabalhador lidar com o sofrimento (DEJOURS, 1987). Nesse momento ocorre o reconhecimento do adoecimento, com uma descrição psicopatológica do sofrimento/adoecimento provocado pelo ambiente profissional.

Em 1990, iniciou-se a segunda fase da psicodinâmica. Nesse novo ponto se destacaram duas obras e se constituiu uma nova abordagem, desta vez, com foco no trabalho, evoluindo do adoecimento individual para uma compreensão mais ampla dos elementos ambientais favorecedores do adoecimento. As obras em destaques são a décima segunda edição de “Travail: usure mentale – essai de psychopathologie du travail”, contudo registrado com outro título “De la psychopathologie à la psychodynamique du travail”, publicado em 1993. A versão traduzida no Brasil só aconteceu em 2004, como “Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho”.

A segunda obra “Le facteur humain” ou “O fator humano”, publicada em 1995 com tradução no Brasil em 1999. Agora, o principal foco do estudo é as ações do trabalho, ou seja, a organização do trabalho.

A terceira fase, no final dos anos 90 até os tempos atuais é marcada por três livros, sendo eles, “Souffrance em France” publicado em 1998 e traduzido em 1999 como “A Banalização da injustiça social”. O prefácio para a terceira edição do livro “Travail: usure mentale – essai de psychopathologie du travail e o addendum Nouvelles formes d’organisation du travail et lésions par efforts répétitifs (LER): approche par la psychodynamique du travail, ambos publicados em 2000. O ultimo livro é L’évaluation du travail à l’épreuve du réel: critique des fondements de l’évaluation., publicado em 2003.” Não houve traduções em português. Neste ponto o autor evidencia as relações subjetivas inconscientes e conscientes que se estabelecem entre os trabalhos e a organização do trabalho e os derivados psíquicos de tal relação.

O estudo da psicodinâmica é um conjunto formando ao longo de 30 anos e tem ligação no espaço da medicina, da psiquiatria, na área que se empenha na descoberta de diagnósticos. Tem eixo na terapia medicamentosa e na psicoterapia de pacientes que apresentam desestruturas emocionais. Também liga-se à ergonomia, à psicanálise, à filosofia e à sociologia, estabelecendo como o fio condutor dessas áreas no estudos sobre adoecimento do trabalho.

Ergonomia consiste no “conjunto de estudos que visam à organização metódica do trabalho em função do fim proposto e das relações entre homem e máquina” (FERREIRA, 1999, p. 785). Esse termo se originou a partir do grego que podemos interpretar como normas do trabalho, pois “ergon” significa “trabalho”, e “nomos”, quer dizer “leis ou normas” (DICIO, 2009).

O principal objetivo da ergonomia é desenvolver e aplicar técnicas de adaptação de elementos do ambiente de trabalho ao ser humano, com o objetivo de gerar o bem-estar do

trabalhador e conseqüentemente aumentar a sua produtividade (FERREIRA, 1999). Usa argumentos da psicanálise, área criada por Freud que consiste, fundamentalmente, na interpretação, por um psicanalista, de aspectos dos inconscientes de palavras, ações e produções imaginárias de um indivíduo, com base nas associações livres e na transferência, método de tratamento de neuroses e de psicoses, por meio de investigação psicológica dos processos mentais (BOCCA, 2009).

Também faz uso do estudo da sociologia que teoriza as relações sociais, teorias que especificam a coexistência de diferentes grupos e meios, no entanto que seguem normas, leis, valores e instituições. O objeto de estudo é o indivíduo que constitui a sociedade. Por fim, ligando-se às teorias da filosofia, que se caracterizam pelo estudo da realidade, a compreensão, na intenção de abranger sua totalidade. Esses estudos citados contribuíram para construção da psicodinâmica, no entanto não modifica o conceito principal, essas teorias fazem parte, pois a psicodinâmica visa analisar, entender e explicar ações comportamentais do corpo e da mente.

Como já mencionado, a teoria de Cristophe Dejours é baseada na psicanálise, além de todas essas fontes o estudo da psicodinâmica. Também tem limites nos estudos da vida social de indivíduos e grupos humanos, e com a psicossomática que se ligam às ciências naturais, principalmente, as biológicas. Os sujeitos carregam duas formações, o corpo biológico e a subjetividade, um depende do outro (CARDOSO, 2001).

Dejours, em uma entrevista concedida a Marta Rezende (2001) esclareceu quais as áreas em que sua teoria tem mais relevâncias. A psicossomática se reforça com o estudo do corpo, do sexual, da afetividade e da subjetividade, utilizando a teoria de que o ser humano tem dois corpos, sendo um, o corpo biológico e o corpo erógeno, defendendo o relacionamento desses corpos e procurando-se mostrar que o biológico, ou seja, o sistema físico, é dependente do sistema erógeno. Quando se reprimem os sentimentos e as emoções, tende-se a gerar doenças físicas e/ou psíquicas, demonstrando que as emoções dos seres humanos é a questão principal nos processos de trabalho.

A psicodinâmica, além de todos esses eixos, é fortificada pela tese da centralidade do trabalho, isto é, a centralidade diante da construção da identidade, pois o sujeito-trabalhador não vive sozinho, não é um ser solipsista e o trabalho é uma atividade dirigida ao outro. Dejours (2001, p. 03) diz que “O trabalho pode ser uma situação propícia ao exercício da democracia”, mas, para isso, o ambiente do trabalhador precisa ser conveniente para não gerar comportamentos desleais, melhor dizendo, o corpo é matéria das ações, enquanto o sofrimento não é patológico é gerador de patologias.

A Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem científica, desenvolvida na França na década de 1980 por Christophe Dejours, contudo no Brasil as primeiras pesquisas surgiram no início dos anos 1990, na Universidade de Brasília, no programa de Psicologia, especificamente, na área de Psicologia Social e do Trabalho. Desde então, o tema da psicodinâmica do trabalho vem tomando espaço, assim assumido destaque em programas de pós-graduação pelo mundo.

Esta teoria foi construída com referenciais teóricos, porém com a evolução conveniente, ela se tornou uma pesquisa própria com objetivos, princípios, conceitos e método particular (MENDES, 2007, p.29).

A psicodinâmica é uma abordagem de pesquisa e ação sobre o trabalho, é um modo de fazer análise crítica e reconstrução da organização do trabalho, que é inexoravelmente o provocador de sofrimento, dadas as características da pós-modernidade, da acumulação flexível do capital e de todas as suas consequências para o mundo do trabalho. (MENDES, 2007, p. 32).

A psicodinâmica presume um estudo dos elementos que circulam o ambiente do trabalho, querendo assim, articular ações que distanciam o trabalhador do sofrimento e o aproximem do prazer. É a tentativa de dominar o trabalho e não deixar que o trabalhador seja dominado, isto é, o sujeito trabalhador é estigmatizado pelo poder de fala, de engajamento, de resistência e mudança, que possa se tornar um ser imanente. “Do ponto de vista epistemológico, a psicodinâmica do trabalho é uma teoria “crítica do trabalho”” (MENDES, 2007, p.32), cingindo, assim, as relações e promovendo a independência dos sujeitos trabalhadores.

Contudo, para se lançar essa teoria, é necessário que o conjunto operacional se una, pois individualmente não é suficiente para mudar condições físicas e psicológicas, a organização do trabalho é fundamental para a formação do desenvolvimento, para um bom desempenho, pois se sabe que “o trabalho é objeto de múltipla e ambígua atribuição de significados e/ou sentidos” (BORGES; YAMAMOTO, 2014, p.25). Assim, a psicodinâmica é um processo de sentido, ou seja, se constrói na base da relação do trabalho e do trabalhador, se liga ao pensar, sentir e agir, isto é, nas ações, tanto do sujeito trabalhador quanto da organização do trabalho. O indivíduo precisa ser ativo na organização. Uns dos objetivos da psicodinâmica é fazer o sujeito trabalhador ser reconhecido, por si e por sua organização do trabalho.

O estudo de Dejourus (1990), referência à psicodinâmica do trabalho como algo além da teoria da pesquisa, é um modo de ação, pois age diretamente no trabalho, na sua organização. Essa organização é a forma na qual âmbito do sujeito-trabalhador se forma,

como essa formação reflete no trabalhador e no desempenho das suas funções. “Quanto ao sofrimento mental, ele resulta da organização do trabalho.” (DEJOURS, 1992, p. 25). Para a melhoria é necessário um conjunto, uma unidade.

Infelizmente, as organizações sociais são formadas por dominação e, o ser humano acaba se submetendo as regras precarizadas, à submissão involuntária, evitando a comunhão e alimentando o individualismo, assim retirando o espaço de fala do sujeito-trabalhador. Esse sujeito pode até tentar resistir às manipulações do ambiente, no entanto quando é submetido ao espaço no qual dominação é explícita, sem brechas, ele se perde no seu próprio espaço, no seu Eu.

A organização do trabalho é o centro da psicodinâmica, pois se restaura o meio para melhoria de uma unidade. O sofrimento não é patológico, mas consequência do meio, da totalidade. A teoria salienta que o sofrimento do trabalho aparece quando a relação sujeito e trabalho não estão inter-relacionados (MENDES, 2007).

Para isso, se define essa organização como a divisão do trabalho, as relações de poder, ou seja, o sistema hierárquico, a força do comando, como são as relações de autoridades e o sistema de obrigações, analisa-se o exagero e as os impactos, delineamos, quando o governo é dominador e não se relaciona com trabalhador a organização do trabalho esta predestinada ao fracasso.

Necessitamos ressaltar que organização do trabalho é diferente de condições do trabalho. Quando falamos de condições do trabalho, possivelmente, estas ligam-se apenas ao espaço físico, ao material, no entanto para analisar e compreender a organização do trabalho, se faz necessário a inclusão do ambiente físico e dos laços humanos, químicos, biológicos e as características do posto da atuação. Consideram-se, assim as relações e os afetos produzidos (MENDES, 2007).

A psicodinâmica visa à imposição, a ação do sujeito-trabalhador, desejando levar os indivíduos a pensar e agir, para combater esse cenário de desequilíbrio, que a organização do trabalho pode proporcionar, por isso, busca-se o progresso da organização para focalizar na saúde física e psicológica dos sujeitos trabalhadores (MENDES, 2007). Trabalha-se de dentro para fora, ou seja, trata-se o ambiente e se diminui o sofrimento do trabalhador.

O foco se dá partir do momento que compreende a organização, ou seja, quando se reconhece de onde vêm os problemas, a relação prazer ou sofrimento. Busca-se dar ênfase às relações do trabalhador, como ele lida com os modos de subjetividade. Também são consideradas nessa etapa as consequências sociais do confronto entre trabalhador e trabalho e

as reações de cada sujeito. Investiga-se também a psicodinâmica do reconhecimento e construção da identidade dos trabalhadores, como essas relações são constituídas e mantidas.

A psicodinâmica mostra que é capaz de explicar os efeitos do trabalho a partir da ideia de subjetividade, como o processo de construção do sujeito trabalhador, as afinidades com tudo o que se convive, os laços afetivos, nos dando oportunidades de escolha e assim decidir o que queremos nos envolver e manter relações.

O objetivo principal é demonstrar como o sujeito trabalhador lida com essas subjetivações e favorecer a mobilização subjetiva. A mobilização subjetiva é o próprio Eu, é a construção do próprio ser, seus sentimentos, emoções, sua ideologia, ou seja, “mobilização subjetiva é o processo por meio do qual o trabalhador se engaja no trabalho” (MENDES, 2007, p. 43).

A subjetividade se relaciona com a dinâmica do reconhecimento. Segundo Mendes (2007, p. 43), “a mobilização subjetiva viabiliza a dinâmica do reconhecimento” Mendes (2007, p.43, apud DEJOURS, 1997) define o reconhecimento “como um modo específico de retribuição simbólica dada ao sujeito, como compensação por sua contribuição aos processos da organização do trabalho, pelo engajamento da subjetividade e da inteligência,” isto é, o reconhecimento é o método para a construção pessoal, quer dizer, a construção de identidade.

Para a psicodinâmica do trabalho, a construção da identidade mobiliza um processo de retribuição simbólica, de reconhecimento do trabalhador em sua singularidade pelo “outro”, por meio das suas contribuições à organização do trabalho, especificamente àquelas dirigidas à superação das contradições entre organizações prescrita e real (MENDES, 2007, p. 45).

O reconhecimento, um dos conceitos principais da psicodinâmica se desenvolve por meio do resgate do sentido do trabalho, fazendo-se uma reapropriação. Constrói-se a partir da solidariedade, fraternidade, igualdade, confiança, cooperação, imparcialidade, no entanto para que ocorra engajamento é preciso reconhecimento dentro dos espaços que o trabalhador está inserido.

“Reconhecimento é o processo de valorização do esforço e do sofrimento investido para a realização do trabalho, que possibilita ao sujeito a construção de sua identidade, traduzida afetivamente por vivência de prazer e de realização de si mesmo” (MENDES, 2007, p.45). O reconhecimento é uma maneira de fortalecer e manter a saúde física e mental.

Para que um ambiente seja fonte de saúde é preciso reconhecimento do trabalhador, das suas ações. É primordial dar sentido, por isso, à psicodinâmica que cria eixos e faz reestruturações, tanto no meio social, como no ambiente do trabalho, assim como a formação

individual. Em união com a dinâmica do reconhecimento a psicodinâmica condiciona ações que fortalecem as organizações do trabalho.

Para psicodinâmica do trabalho é possível vivenciar prazer, mesmo em contextos precarizados, desde que a organização do trabalho ofereça condições para o trabalhador desenvolver três importantes ações: mobilização da inteligência prática, do espaço público da fala e da cooperação (MENDES, 2007, p.51).

A inteligência prática é o uso da sabedoria e da superação frente às adversidades produzidas pelas atividades cotidianas do trabalho. Quanto menos afazeres prescritos pela organização maior a utilização do pensamento e da intervenção individual do trabalhador em seu ambiente. A autonomia é de imprescindível importância nas organizações, pois seu exercício faz ligação com a resistência a dominações, assim favorecendo as vivências de prazer. Automaticamente, a falta pode acarretar o sofrimento, desânimo e, conseqüentemente patologias. Além de poder pensar sobre o próprio trabalho, é necessário que existam espaços coletivos de expressão da fala, podendo traduzir em narrativas os embates, problemas e alternativas produzidas nas e pelas relações do ambiente. O espaço público da fala é um instrumento interessante de favorecimento da saúde mental do trabalhador.

A cooperação é uma ação de ideias, melhor dizendo, o conjunto de formação dos sujeitos trabalhadores, quando se faz uso da praticidade, unidade e a confiança mútua. Cooperação visualiza a valorização, através do trabalho em equipe para o desempenho individual. Acredita-se que a interação favorece a produção de melhorias tanto no pessoal como no social de cada sujeito.

De acordo com estudos compartilhados do escritor Dejours (1993), quando o sujeito trabalhador faz uso da subjetividade, ele encontra um meio para superar, ou alterar o sofrimento. A mobilização subjetiva é o viés para a atribuição de novo significado do sofrimento, uma resignificação, ou seja, se deve propor ação, para agir e desconstruir as falhas do sistema.

Ressignificar é o mesmo que redefinir. Não é esquecer, negar ou tentar minimizar de forma improprias os problemas que causam sofrimento. É praticar mudanças, reverter às situações e não se submeter às velhas práticas além de manusear a subordinação e a precarização. Para Dejours (1997), usar a subjetividade é fazer uso da inteligência individual, ou coletiva trazendo reconhecimento dinâmico para compensação futuras pelo engajamento no trabalho.

A psicodinâmica caracteriza o trabalho como fonte de prazer e sofrimento. Por isso, se busca a investigação dos impactos que o trabalho tem sobre o sujeito trabalhador. Os caminhos percorridos pelo sofrimento estão diretamente ligados às estratégias individuais e

coletivas para a busca da saúde física e psicológica ou para o desencadeamento de psicopatologias. É feita uma construção que visibiliza o prazer/sofrimento dos trabalhadores.

O não prazer ou sofrimento está relacionado ao drama. Esta definição é atribuída pela sociedade. Às vezes essa situação pode fazer o sujeito reagir para buscar condições mais saudáveis e, conseqüentemente, o prazer e, o bem estar. No entanto, em outras situações, a pessoa precisa de ajuda de especialista ou da comunhão, pois o EU não é suficiente para a superação sucumbindo ao ambiente adoecido e produtor de adoecimentos. Por esses motivos, a psicodinâmica atribui as estratégias de defesa para melhoria da vida como um meio de garantir soluções, uma saída para manter e reconstruir a saúde. Por isso, a interferência dever ser feita diretamente na organização do trabalho, como já foi dito “de fora para dentro”.

Em suma, os meios de trabalho têm três dimensões distintas: a organização do trabalho, as condições de trabalho e as relações socioprofissionais. Sendo assim, se o trabalhador perde energia na busca da realização, ele pode vivenciar momentos de prazer ou sofrimento, caso o sofrimento predomine se dever utilizar das mobilizações citadas à cima (AUGUSTO; FREITAS; MENDES, 2014).

Para fazer estudos, analisar e compreender a organização do trabalho, a psicodinâmica liga-se à clínica do trabalho, que imerge na complexidade do sistema. A clínica do trabalho “privilegia a fala, particularmente da coletividade” (MENDES, 2007, p. 65). A Clínica do trabalho tem uma forma individual, tem interesse no invisível, interessa-se em revelar os detalhes das relações, entre o real e irreal, as ações, o racional, a lógica e as emoções, pois a clínica do trabalho utiliza métodos da fala, da escuta, da transcrição.

A função da clínica do trabalho não é simples, pois, como seu papel é a escuta do sofrimento das suas emoções, é preciso levar o sujeito trabalhador a se abrir, que ele fale sem medo de se expressar. Com isso, o maior obstáculo é a resistência. A clínica do trabalho tem objetivo próprio, assim como a psicodinâmica possui características próprias e a organização do trabalho tem seus desígnios particulares.

O objetivo da pesquisa em clínica do trabalho é a escuta do sofrimento, a elaboração, que levam o trabalhador a recuperar sua capacidade de pensar e agir, resgatando a sua emancipação como sujeito. A pesquisa é um momento para irrigar o pensamento, transformando-o num mobilizador para as mudanças na organização (MENDES, 2007, p.66).

A psicodinâmica do trabalho é a pesquisa, enquanto a clínica do trabalho é o método que é utilizado, normalmente fazendo uso da entrevista, aplicando questionários e/ou gravações em áudios, já que, a disciplina sempre objetiva a fala voluntária, a pesquisa faz centralidade “na escuta, na fala e na interpretação” (MENDES, 2007, p 67).

A aplicação desse método de pesquisa é o mais recomendado pela psicodinâmica, fundando-se em diversos eixos. Primeiro o entrevistador ou pesquisador precisa manter-se conectado com toda a conjuntura do entrevistando, porquanto é preciso levar em consideração todos os sinais. “As entrevistas devem ser conduzidas levando-se em consideração a linguagem do sujeito e a utilização de técnicas como a associação livre, deflexão e estimulação” (MENDES, 2007, p. 69).

A teoria da psicodinâmica mantém ligação com as abordagens teóricas que Bleger, (1991) discute no livro “Temas de psicologia: entrevista e grupos”, no qual aborda formas de pesquisa, faz um explanações sobre seus tipos e acerca-se estudos sobre os grupos investigados. No entanto, o que alimenta essa teoria é a seguinte contribuição: é o entrevistando que comanda a pesquisa, que faz decisões, ainda que seja indiretamente, o sujeito-entrevistado que controla, mesmo que o entrevistador que tenha a direção.

Prazer, felicidade ou satisfação, são palavras no contexto do trabalho sinônima da palavra saúde. Acreditamos que o bem-estar tem ligação com o bom desempenho pessoal, as habilidades do dia-dia, uma boa desenvoltura tanto na vida social como na pessoal. Na satisfação de conseguir cumprir uma obrigação, abrangemos o sentimental, o emocional quando o sujeito tem o prazer de se sentir realizado e automaticamente se sente feliz.

Podemos explicitar os estudos que a psicodinâmica impõe sobre o sofrimento, ou a organização do trabalho fazendo uma metáfora, Nesse caso, o sofrimento se torna o personagem principal. Referimos o sofrimento como “o teatro do trabalho”. De acordo com os estudos mencionados, o sofrimento possui suas raízes na história pessoal de cada pessoa, isto é, nos acontecimentos pessoais e sociais, dificilmente, um indivíduo vai apagar da memória casos que acarretaram infelicidade ou traumas e na intersecção com os acontecimentos do mundo do trabalho. Em outras palavras, a gênese do adoecimento no mundo do trabalho é resultado de uma confluência de situações, sendo a organização protagonista neste processo.

Ainda necessitamos mencionar o aborrecimento que o trabalho pode causar. Sabe-se que aborrecimento em abundância desenvolve estresse em excesso que gera adoecimento involuntário, no entanto, para a sociedade estar aborrecido ou estressado por causa do trabalho não é uma “desculpa” plausível para se justificar um póstumo adoecimento recorrente ao trabalho, contudo, como já foi mencionado, quando o interior não se encontra bem, o emocional não está bem, inconscientemente o corpo físico padece. Com isto chegamos à própria qualidade do trabalho como um elemento do sistema que faz parte do dia-dia do sujeito trabalhador, o grande provocador de situações problemáticas, patologias ou momentos de satisfação que joga a serem prazerosos.

2º CAPÍTULO

A ARTE EM FORMAS

O pesquisador Christopher Dejours abriu caminhos com sua teoria da psicodinâmica, que é reconhecida no mundo e, ultimamente é pesquisada com mais força, tem reconhecimento no Brasil. Há diversas publicações em várias áreas profissionais, ou seja, além de pesquisas com professores, tem investigação com agentes penitenciários, carteiros, etc. Para a teoria, o importante nas investigações é conhecer as organizações do trabalho.

Por isso, nesta etapa do trabalho faremos uma apresentação de diferentes pesquisas que fazem uso da teoria da psicodinâmica do trabalho, da disciplina da clínica do trabalho, com enfoque no sofrimento e prazer, e os estudos da organização. As pesquisas científicas contribuem para o desenvolvimento novos conhecimentos sobre a área, auxiliando setores públicos e/ou privados na melhoria da oferta das condições de trabalho e na diminuição de gastos com licenças e tratamentos médicos. Entretanto, antes da explanação, faremos uma breve introdução sobre um dos nomes mais renomados e reconhecidos da psicodinâmica brasileira, e é pesquisadora da psicodinâmica e Clínica do Trabalho no Brasil.

Ana Magnólia Bezerra Mendes, professora do programa de pós-graduação em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações, na Universidade de Brasília no instituído de psicologia, tem pós-doutorado no Conservatoire National Des Arts et Métiers (CNAM), que é localizado em Paris, França. Esse instituto é um centro de pesquisa e ensino comandado pelo governo francês que incentiva o estudo da ciência e da indústria. É pesquisadora da CNPq desde 1996, também é Coordenadora do Núcleo Trabalho, Psicanálise e Crítica Social e do Projeto Práticas em Clínica do Trabalho na Clínica-Escola CAEP na UnB, lidera o grupo de pesquisa Trabalho e Clínica (LATTES, 2019).

Mendes começou a solidificar seus estudos sobre psicodinâmica no ano de 2007, quando foi criado o primeiro Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho no Brasil que, no entanto, já funcionava como grupo de pesquisa desde 1995. Esse estudo acontecia na Universidade de Brasília no curso de Psicologia Social e do Trabalho, contudo Mendes afirmou, em uma entrevista realizada em 2012 dada a Camila Lopes e Luiz Alberto e publicada na Revista Brasileira de Qualidade de Vida, que seus estudos iniciaram-se, praticamente, junto com o começo da trajetória da Psicodinâmica nos anos 80.

O trabalho da professora e pesquisadora é reconhecido mundialmente, possui publicações que são referências para iniciantes. Mendes tem publicações em conjunto com o grande teórico da psicodinâmica, Christopher Dejourus.

Na mesma entrevista, a pesquisadora expõe suas opiniões sobre o funcionamento do mundo do trabalho, sobre as organizações, e suas expectativas para o futuro do trabalho. Para a autora, o trabalho se tornou algo muito complexo que assusta. É preciso reconhecer as falhas causadoras de sofrimentos, sempre “buscando proximidade com a emancipação, é sair da alienação” (MENDES, 2012 p.03).

Trabalhar é fracassar, trabalhar é sofrer. Este real vai se revelar ao sujeito pela impotência” Com isso, Ana Magnólia Mendes contempla “o sofrimento no trabalho se dá pelo insucesso de se distanciar das prescrições, que são na maior parte das vezes ideias inatingíveis, correspondendo a um modelo de perfeição ditado pelos modos de gestão das organizações trabalhistas (MENDES, 2012, p. 03).

Para conhecermos um pouco mais da teoria iremos, inicialmente, comentar algumas pesquisas realizadas com mais diversos trabalhadores e profissões, e, posteriormente, explanaremos pesquisas com docentes de escola pública, particular e de universidades. A priori, discutiremos o artigo intitulado “Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor”: atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho” (2001), escrito por Mário César Ferreira e Ana Magnólia Mendes, ambos professores do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de Brasília. O trabalho foi desenvolvido pelo Laboratório de Ergonomia da Universidade de Brasília (UnB) e publicado na revista Estudos de Psicologia, que tem a missão de promover e divulgar o conhecimento científico e técnico na área da Psicologia.

O estudo de caso tinha como objetivo investigar o impacto no bem-estar de trabalhadores do atendimento ao público, com enfoque na inter-relação entre as atividades do trabalho e o prazer e sofrimento do trabalhador. A pesquisa foi construída por duas disciplinas que se completam: a psicodinâmica do trabalho e ergonomia francófona. Ambas teorias estudam o contexto do trabalho como um provocador da saúde ou doença do profissional. A psicodinâmica preocupa-se com a organização do trabalho, enquanto ergonomia atenta-se ao corpo humano e como ele se ajusta ao ambiente ou aspectos psicológicos. Na pesquisa o enfoque foi na perspectiva psicológica.

A investigação foi realizada com 64 sujeitos-trabalhadores, porém na empresa existiam 82 funcionários que exerciam a função de atendente. Os entrevistados eram encarregados de cumprir cargos de técnico de informática, pesquisador de veículos e assistente de trânsito, fixados na seção de licenciamento de veículos e de habilitação. Todos tinham ensino médio completo, eram do sexo feminino, casadas, entre um e cinco anos de serviço.

O primeiro passo da investigação foi realizado por observação livre e sistematizada, ou seja, metódica, e as entrevistas foram individuais para avaliar a existência de prazer e sofrimento no trabalho. As observações livres foram feitas em dez postos de trabalho e tinham o objetivo de fazer um primeiro contato com os investigados e fazer uma visão das condições do trabalho e como era realizado. Este procedimento durou 16 horas e foi registrada em anotações e gravações. As entrevistas individuais eram semiestruturadas e realizadas com 31 funcionários, tiveram a duração de 40 minutos e foi registrada por anotações manuais.

A pesquisa resultou em múltiplos resultados. Com a teoria da ergonomia se definiu em três aspectos que, automaticamente, estão envolvidos. Em primeiro, é cobrado dos atendentes um trabalho mental intenso, é uma série de funções repetitivas e rotineiras. Em segundo plano, o espaço de trabalho limita movimentos, assim dificultado as atividades que precisam ser feitas. Em terceiro, as dificuldades em construir estratégias aumentando as habilidades do cognitivo e psíquico do sujeito-trabalhador, isto é, o funcionário precisa agir rápido e criar estratégias de atendimento para não perder clientes.

Com a disciplina da psicodinâmica do trabalho, resultou-se na ascendência de vivências do sofrimento que se agrega as condições que os funcionários estão exercendo suas funções e associam-se as relações socioprofissionais, melhor dizendo, a relação de subordinado e chefes. O resultado chama a atenção para a organização do trabalho, este que precisa buscar soluções que minimizam os fatores que provocam mal-estar nos trabalhadores (FERREIRA; MENDES, 2001).

O trabalho de Vânia Cristine, Ana Lúcia, Ana Magnólia e Elaine Rabelo (2011) foi realizado com policiais recém-admitidos na Polícia Civil do Distrito Federal. Fez-se isso, pois as autoras supunham que no primeiro ano é onde começam a ser feitas as estratégias de interferências. Foram 160 policiais investigados, 95 homens e 65 mulheres, todos com menos de um ano de ingresso na Polícia, com ensino básico completo. Destes 34 possuía graduação, 114 eram solteiros, 46 casados e, a idade variava de 23 a 48 anos.

O estudo tinha como objetivo avaliar a concepção que os policiais tinham sobre seu contexto de trabalho, as exigências, as vivências de adoecimento físico, psicológico, os problemas sociais que são provocados pelo trabalho e as mediações que podiam ser tomadas para evitar o sofrimento. A pesquisa foi realizada da seguinte forma: os dados foram coletados em 10 delegacias. Após, a autorização dos delegados-chefes foram entregues os questionários aos policiais explicados os objetivos da pesquisa e o caráter de sigilo. Foram entregue 250, no entanto, alcançou-se resposta a 160 questionários.

As condições de trabalho, a organização e as relações de poder, foram avaliadas como críticas pela maioria dos participantes, isto é, pode haver possibilidade de adoecimento futuro, pois os recém-admitidos já encontram problemas. A maioria que detectou como crítica foram os policiais mais velhos. Entende-se que, por serem mais experientes na vida e obterem conhecimentos da experiência, tornaram-se mais criteriosos com o novo ambiente. Mesmo achando difícil o âmbito da atuação, os novos policiais acham a nova ocupação gratificante e têm orgulho da função.

No tópico Prazer e Sofrimento todos julgaram como satisfatório. Para eles a sensação de prazer sobressai ao sofrimento, pois fatores como o reconhecimento, a liberdade de expressão prevalecem sobre o esgotamento profissional e a falta de reconhecimento. Já as lesões físicas, psicológicas e sociais foram qualificadas como o ponto mais positivo de todos. Acredita-se que as estratégias estão presentes entre os policiais e isso vem a ser um benefício para futuros problemas de adoecimento (ANCHIETA; CAVALCANTE; GALINKIN; MENDES, 2011).

Agora analisaremos alguns trabalhos que foram realizados com professores de ensino público ou privado, superior e básico. O primeiro a ser explanado tem como título “Vivências De Prazer-Sofrimento No Trabalho Do Professor Universitário: Estudo De Caso Em Uma Instituição Pública”, escrito por Vilela, Garcia e Vieira e publicado pela revista Eletrônica de Administração (REAd), em 2013.

O artigo faz análises das percepções e relações de prazer e sofrimento no trabalho com professores do curso de Pedagogia de ensino superior em exercício de uma universidade pública de Belo Horizonte. A pesquisa é assegurada pela teoria da psicodinâmica. Para isso, estabeleceram uma relação entre o prazer-sofrimento, o físico e o mental no contexto do trabalho.

A investigação foi realizada em duas etapas: primeiro foram aplicados questionários com escala de indicadores de prazer e sofrimento no trabalho e na segunda parte da pesquisa foi feita entrevistas gravadas com nove professores, com questões sobre o físico e os sentimentos em relação ao trabalho. Os investigadores permaneciam na sala dos docentes, todos que passavam pela sala eram convidados a participar da pesquisa, com isso, eles conseguiram 52 respostas de 115 professores, uma parte foi realizada por e-mail a pedido de alguns professores. Os docentes eram da graduação e da pós-graduação.

Com os dados coletados se obteve o seguinte resultados: 31 dos 52 investigados lecionavam no período noturno, apenas 17 exercia função em período diurno, o gênero predominante era o feminino, a idade dos participantes oscilava entre 36 e 45 anos, casados, à

maioria era efetivos e possui titulação de mestre, a idade variava entre 6 e 10 anos de instituição.

Com esse trabalho obtiveram os seguintes resultados: em relação à vivência de prazer e sofrimento no trabalho, as concepções de sofrimento foram consideradas moderadas, pois as percepções de prazer eram mais significantes. A condição de prazer estava ligada à realização profissional, ao orgulho, liberdade, à autonomia e ao aprendizado gerado pela profissão. O sofrimento tem natureza na falta de reconhecimento.

O mal-estar gerado pela precarização foi dividido em cinco tópicos, sendo eles: 1º) a falta de concurso público, assim sempre fazendo contratações temporárias e, atrapalhando o ritmo das equipes, 2º) a intensidade das atividades, pois o docente é obrigado a produzir e se engajar em vários projetos, assim se sobrecarregando, 3º) a falta de uma organização que favoreça os professores e suas causas, 4º) a perda de autoridade, assim fazendo da educação um mercado, 5º) a baixa remuneração. Em conclusão, para combater esses malefícios que são provocados pelo ambiente de trabalho é necessário montar estratégias organizacionais que promovam o bem-estar dos profissionais, a comunicação, grupos de compartilhamento dos sentimentos de adoecimentos, sendo preciso fazer o uso contínuo dessas estratégias (VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013).

O trabalho “Psicodinâmica do Trabalho do Coletivo de Profissionais de Educação de Escola Pública”, escrito por Ana Magnólia Mendes e Fernanda Sousa Duarte, publicado em 2015 pela revista PSICO-USF debate trabalhos científicos na área da psicologia. O estudo de caso teve como objetivo analisar a psicodinâmica no coletivo de trabalho, ou seja, a organização, analisar a mobilização das equipes. A investigação viabilizou a organização do trabalho, as vivências de prazer-sofrimento e as estratégias de defesa. A pesquisa foi constituída com base da teoria Dejouriana e a análise baseada na clínica do trabalho.

A pesquisa foi realizada com 12 profissionais de uma escola pública de ensino fundamental do Distrito Federal, envolvidos com o processo educacional. Entre os investigados, nove são professoras regentes em sala de aula, duas estavam em desvio de função, uma ficava na biblioteca e outra na sala de informativa, uma é orientadora educacional. Todos tinham em média 15 anos de carreira e trabalhavam na instituição há um ano.

Os procedimentos foram divididos em três etapas. 1º) organização e recrutamento dos participantes. 2º) a coleta de material através de encontros coletivos dos grupos. A fala dos participantes foi a principal fonte de coleta, porém também houve observação da dinâmica do

grupo. A 3^o) etapa foi a análise de dados, com a participação dos investigados. Era levado um relatório para os sujeitos e eles faziam suas contribuições.

Os resultados foram divididos em eixos. No primeiro eixo, relataram os dados sobre a organização do trabalho, tendo como ponto relevante as relações socioprofissionais, a importância da proximidade entre o grupo, o poder da união. De acordo com os investigados, todos os funcionários devem trabalhar com um único objetivo, neste caso o objetivo principal é atender o aluno. O segundo eixo discutiu sobre a mobilização subjetiva, o reconhecimento do trabalho do colega era uma dificuldade aparente do grupo, pois os participantes alegavam a falta de tempo ou a correria do dia a dia, por conta desse distanciamento, principalmente com os educadores que não estão em classe. Não existia um espaço de fala, no entanto se criou o costume, após a pesquisa, pois os colegas tiveram contato com os resultados individuais e eles passaram a reconhecer a dimensão além da sala de aula.

No terceiro eixo, foram explicados as condições de sofrimento, as defesas e as patologias. As maiores dificuldades relatadas pelos profissionais é a falta de recurso e as dificuldades nas relações, entretanto um dos obstáculos é a sensação de impotência em vista dos problemas comunitários/familiar dos alunos ou a indisciplina. Esse resultado também acarretou em benefícios para os professores, pois a unidade escolar enxergou que é preciso um momento entre eles para conversarem sobre as dificuldades do trabalho, fazer um compartilhamento, pois ninguém consegue resolver questões individualmente, a comunicação é uma forma real de prevenir doenças.

O trabalho teve como conclusão que a mobilização coletiva da equipe é precária. Aparentemente, são individualistas, ou seja, tentavam resolver seus conflitos sozinhos, assim dificultando a atribuição de novos sentidos, transformando o sofrimento/adoecimento em prazer/saúde. O trabalho levou recomendações para os educadores, para que eles possam trabalhar e fazer novas regras juntos, o meio de intervenção é o uso da clínica brasileira de psicodinâmica do trabalho que foi prescrita por Mendes e Araújo em uma publicação em 2012. Sem reconhecimento individual e coletivo não tem como praticar mobilização, um não resiste sem o outro (DUARTE; MENDES, 2015).

O artigo de Martins e Honório (2014) analisou as percepções dos docentes de uma instituição universitária privada do estado de Belo Horizonte. A pesquisa visava analisar a vivência de prazer e sofrimento no trabalho. A investigação foi realizada com 129 professores dos cursos mais antigos da unidade. Na pesquisa a coleta de dados foi feita por questionários e 13 professores dos 129 participaram de entrevistas. A investigação foi dividida da seguinte maneira, foi realizado o perfil demográfico e ocupacional dos

participantes, sendo que, a maior parte é do sexo feminino, tem de 20 a 40 anos, casadas, é composto de mulheres com pós-graduação, tem mais de seis anos de carreira, trabalha só em universidades particulares, leciona em dois turnos ou mais.

Discutiu-se a vivência de prazer e sofrimento no trabalho docente. Essa pesquisa foi avaliada pela a escala de indicadores. Divide-se em quatro fatores dois para avaliar o sofrimento e dois para avaliar o prazer. Para o prazer indicava-se o quadro de liberdade de expressão e realização profissional e para o sofrimento analisava-se o esgotamento profissional e a falta de reconhecimento. Os indicadores eram feitos na escala de “Sempre a Nunca”.

Obtiveram como resultados os seguintes indicadores de prazer no trabalho: realização profissional e liberdade de expressão. A falta de liberdade de expressão foi ligada à insatisfação pessoal dos investigados, a falta de expressar opiniões no ambiente de trabalho e a falta de confiança entre os semelhantes. Esses sentimentos analisados como moderado foram associados aos indicadores de orgulho pela profissão, o único avaliado como satisfatório além da identificação com as tarefas realizadas.

Obtiveram como resultados os seguintes indicadores de sofrimento/adoecimento no trabalho: o esgotamento profissional com enfoque na sobrecarga e estresse prevaleceu em comparação ao reconhecimento. Essas vivências foram demonstradas com sentimentos de angústia e punição. Com as entrevistas, obtiveram os seguintes resultados: a educação está virando mercado, tendo em vista a tendência competitiva, assim, conseqüentemente, deixando que o exercício de autonomia seja desgastado pelas dificuldades das relações de mercado, com isso, contribuindo para precarização do trabalho docente (MARTINS; HONÓRIO, 2014).

A amostra de uma pesquisa realizada no ano de 2013, por Lêda Gonçalves de Freitas e Emílio Peres Facas, esse trabalho foi concretizada em uma escola pública, localizada no Paranoá, Distrito Federal. Ela é professora da Universidade Católica de Brasília, doutora em psicologia social e do trabalho pela universidade de Brasília. Ele é professor da Universidade Federal de Goiás. Mestre em psicologia social, do trabalho e das organizações pela mesma universidade.

A pesquisa visava apresentar resultados sobre as vivências de prazer e sofrimento e suas relações com o trabalho. Esse projeto foi titulado da seguinte forma: “Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores”, escrito por Freitas e Facas (2013).

De acordo com relatos de professores investigados, os prazeres no trabalho estão relacionados ao desempenho das crianças no processo de aprendizagem, que demonstraram prazer também na confiança que recebem dos colegas, no reconhecimento que têm dos alunos e na autonomia que recebem, fatores que amenizam um pouco a carga excessiva de trabalho.

A vivência de sofrimento no trabalho vem da carga excessiva, a pressão que recebem do pai dos alunos e do governo, as más condições de atuação, a falta de respeito dos gestores, falta de interesses dos alunos, as dificuldades que encontram para trabalhar com alunos especiais e as dificuldades dos estudantes. De acordo com a pesquisa Paranoá, a cidade da pesquisa, possui um alto índice de pobreza.

A pesquisa explicou os danos causados na saúde dos professores investigados. Em relação ao trabalho, por ser muito cansativo, levava os docentes a terem problemas com insônia ou sono excessivo. O emocional foi uma das maiores queixas, pois os professores se doam ao máximo, contudo isso nunca parecia o suficiente ou eles não ficavam satisfeitos. O excesso de preocupação com os alunos faz com que os aspectos emocionais os deixassem regularmente abalados. Quando se falava de dores físicas, o caso da perda de voz, por conta do cansaço é um caso comum. Os professores também se queixavam de dores, principalmente na coluna vertebral, com uso excessivo de medicação como relaxante muscular.

A questão final é: O que fazer para não adoecer? Na mesma pesquisa citada acima revelou-se que os professores buscam a saúde por meio da mobilização coletiva. A troca de experiências entre os professores e construção coletiva de estratégias é uma opção para transformar aquilo que causa angústia e sofrimentos, essa união pode ajudar a manter a saúde e a identidade (FREITAS; FACAS, 2013).

O trabalho agora apresentado é uma tese de dissertação de mestrado da Universidade de Brasília do programa de pós-graduação em sociologia, pesquisada e escrita por Carolina Grande no ano de 2009. A tese apresentada e aprovada pesquisava o prazer e sofrimento nos profissionais de docência no ensino médio de escola pública brasileira, o principal objetivo era compartilhar os dados coletados com os participantes que trabalhavam no turno vespertino de uma escola do Distrito Federal. As etapas eram realizadas sobre as representações sociais sobre o tema, a pesquisadora desejava saber as causas do prazer e sofrimento e o que os investigados procuravam para combater, a pesquisa teve como base a psicodinâmica do trabalho de Dejours.

A coleta de dados fez-se pesquisa bibliográfica e de documentos oficiais, a observação participante, questionários sóciodemográfico, entrevistas e oficinas de sociodrama pedagógico. Observa-se a influência de vários fatores na organização com ligação na

infraestrutura da escola, reconhecimento, crises de sentido e identidade profissional e os vínculos de afetividade e, pesquisavam-se as possibilidades de intervenção para a melhoria do ambiente de trabalho. Vale ressaltar que a autora do trabalho era parte do corpo docente da instituição investigada. A escola tem uma composição grande e atende 2087 alunos, tem 88 professores que se divide entre turnos vespertinos e matutinos, a maioria trabalha em turnos matutino e vespertino.

Tratando das formas de agregar o prazer/saúde no trabalho, a pesquisa qualificou os seguintes resultados. O senso comum, ou seja, o modo de pensar da maioria das pessoas, as noções comumente admitidas pelos indivíduos. O conhecimento adquirido pela sociedade observando o mundo, nisto os investigados atribuía o valor social que os docentes recebem da comunidade e o valor útil da profissão, isto é, ajudar na construção de cidadãos ou na melhoria dos mesmos, a possibilidade de transformação. A vocação, a maioria dos entrevistados vive se apoiando na realização profissional. O reconhecimento dos alunos e dos colegas, o reconhecimento visual, pois acontece dos sujeitos não falarem, no entanto demonstrarem.

O sofrimento/adoecimento no trabalho foi considerado com as seguintes características: na negação da identidade social, os docentes acreditam que estão na profissão de professor por falta de opção. Pois alguns encontram dificuldades em firmar vínculo afetivo com alunos e professores, assim atrapalhando o desenvolvimento de atividades e a comunicação. Há falta de motivação, indisciplina dos alunos, indiferença dos alunos e funcionários, o individualismo, a falta de reconhecimento social, do governo, dos colegas e alunos. Superlotação das salas, a falsa autonomia e baixa remuneração.

O problema que mais acarreta sofrimento/adoecimento para os professores é o fracasso escolar, ligado às políticas públicas. Os professores se questionam sobre a própria competência, assim gerando sentimento de impotência e, automaticamente, decepções (GRANDE, 2009).

Em suma, a maioria dos trabalhos analisados apresentam resultados que já eram esperados. A priori, é perceptível que a falta de reconhecimento é uma reclamação constante de todas as investigações associadas à péssima remuneração que recebem para realizar em suas funções. Os trabalhos sobre professores, mesmo tendo objetivos específicos e individuais, mostram características que podem ser geradoras de sofrimento/adoecimento ou prazer/saúde semelhantes. Uma parte dos trabalhos não mencionava o reconhecimento pessoal, citava apenas o ser reconhecido pelos alunos, estado ou colegas de profissão, a baixa remuneração, salas lotadas, descaso, indisciplina.

Quando se qualifica o prazer, a característica mais forte é a vocação. A maioria dos professores relata que nasceu para ministrar aula. Junto com a vocação é acrescentando a realização profissional, aliado ao orgulho do trabalho feito.

A pesquisa é uma das formas mais puras da arte. Acreditamos que o pesquisar sempre procura conhecimento para si e fórmulas de manifestações que alimentem a ciência e os saberes, por isso, pesquisamos os sentimentos e emoções da classe que procura reconhecimento social e particular. No próximo capítulo, caracterizamos os indicadores emocionais que fazem os professores de escola pública pensar nas alegrias do cotidiano e nos danos ao longo dos anos.

3ºCAPÍTULO METODOLOGICO

3.1 Fundamentação teórica da metodologia

A pesquisa científica é um processo que ultrapassa a sociedade, sempre com o objetivo de buscar respostas, visando, assim resultados que possam trazer benefícios a sociedade, fazendo investimentos e planejamentos para obter melhorias. “Em geral, a finalidade de uma pesquisa qualitativa é intervir em uma situação insatisfatória, mudar condições percebidas como transformáveis, onde pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição reativa” (CHIZZOTTI, 2003, p. 89). A pesquisa científica, geralmente, liga-se a problemas sociais ou a investigação de casos para futuramente gerar avanços para a sociedade em um todo. Considerando as palavras de Moroz (2006):

A pesquisa científica tem por objetivo elaborar explicações sobre a realidade, sendo possível tanto preencher lacunas num determinado sistema explicativo vigente num momento histórico quanto colocar em xeque dado sistema. É um processo que envolve algumas atividades, quais sejam a formulação do problema, o planejamento (plano de pesquisa), a coleta de dados, a análise dos dados e a interpretação dos dados e a comunicação da pesquisa (MOROZ, 2006, p. 16).

Esta pesquisa foi classificada como qualitativa, pois é o método que valoriza a qualidade dos dados coletados. Interpretamos o método qualitativo como uma forma de entender os indivíduos e suas opiniões particulares, quando estamos tratando de um problema social. Sendo assim, “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2009, p. 20).

Teixeira (2014, p.137) afirma que:

“na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela descrição e interpretação.”

Em contexto geral, caracterizamos a pesquisa qualitativa da seguinte forma:

O pesquisador observa os fatos sob a óptica de alguém interno a organização. A pesquisa busca uma profunda compreensão do contexto da situação. A pesquisa enfatiza o processo dos acontecimentos, isto é, a sequência dos fatos ao longo do tempo. O enfoque da pesquisa é mais desestruturado, não há hipóteses fortes no início da pesquisa. Isso confere bastante flexibilidade. A pesquisa geralmente emprega mais de uma fonte de dados (TEIXEIRA, 2014, p.137 e 139).

A pesquisa qualitativa abrange outras características fundamentais. Sabe-se que o método qualitativo, normalmente ocorre em ambientes naturais, onde advêm os eventos da comunidade investigada. As investigações são baseadas em suposições, nunca em hipóteses, no entanto, as hipóteses podem surgir ao longo do processo. O investigador é o instrumento

principal, geralmente, os dados são descritivos, ou seja, são relatos em texto. As experiências e percepções são sempre dos investigados. Utiliza a interpretação como fonte de discurso. Para produzir resultados, os dados coletados são narrados, raramente se usam gráficos ou tabelas, caracterizando-se por texto dissertativo (CRESWELL, 2010, p. 230).

Com isso, sabemos que o relatório qualitativo, normalmente termina com comentários que explanam a narrativa, que se aprofunda na coleta de dados, estabelecendo as várias perspectivas que surgiram durante a investigação. Permite que o autor faça uma descrição detalhada dos dados, das experiências, da história, dos múltiplos aspectos encontrados durante o procedimento aplicado.

A coleta de dados foi realizada de forma metódica, no entanto como já mencionado de forma livre e informal. Trabalhamos com questionários com perguntas fechadas e abertas. Com alternativas abertas, desejávamos alcançar a percepção particular do entrevistado. Também fizemos uso de questões fechadas, porque acreditamos que as abertas requerem mais esforço e isso pode atrapalhar o desenvolvimento da pesquisa.

O questionário tinha 36 questões. Com esse método, visávamos conhecer os participantes e suas impressões sobre seu trabalho. O instrumento, dividia-se entre o socioeconômico dos participantes, a interação hierárquica, ou seja, as relações profissionais com os seus semelhantes, as expectativas para a vida pessoal e profissionais de todos os envolvidos.

Esse instrumento de pesquisa pode ser conceituado da seguinte forma. Por Gil (2006, p. 129), “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Podemos qualificar as vantagens do uso dos questionários, que fazem parte dos nossos objetivos. Desejávamos atingir um número expressivo de professores investigados da escola em questão, e garantir o anonimato das respostas e dos participantes, assim evitando intimidá-los, permitindo que os participantes encontrassem o momento ideal de responder às questões, quando julgavam mais convenientes (GIL, 2006).

Os questionários foram entregues de maneira informal. A pesquisadora abordava os pesquisados, quando estava em seus momentos livres, mas nunca os convidava na hora da recreação dos alunos, pois acreditamos que esse horário servia para descanso. Esse procedimento era feito dentro da sala dos professores, o espaço que nunca ficava sem a circulação diária dos docentes.

Na fase de aplicações dos questionários, com os professores de língua portuguesa, pois aconteceu no primeiro dia de pesquisa e eles estavam reunidos com a coordenadora de linguagens, para debaterem as intervenções que irão acontecer durante o corrente ano. Aproveitando dessa oportunidade, houve coleta de dados em grupo. Frisamos que tudo era feito com permissão da coordenação. Com isso, foi entregue o formulário, a única abordagem que não aconteceu individualmente.

A pesquisa foi apresentada de forma suscita. Falamos do tema e objetivo do trabalho, apresentamos o questionário e os termos de autorização, que tinha a explicação detalhada da pesquisa. De acordo com Marconi e Lakatos (2008, p.86).

Junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do recebedor para que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável.

Deixávamos claro que não era obrigatório responder e tudo deveria ser feito de livre vontade, de uma forma que o participante não se sentisse coagido. Se quisesse poderia deixar questões sem responder. Com isso, tentávamos não intimidar os professores, valorizando-se a liberdade de expressão, um dos nossos objetivos pessoais.

Além do questionário, durante a investigação também fizemos uso do método de entrevista. Acreditamos que a entrevista é moldada para tirar informações do participante como uma forma de saber aquilo em que eles acreditam, ou em que perderam o entusiasmo. Além de ser uma forma clássica de se aproximar dos entrevistados, acreditamos que permite criar vínculos.

Para Bleger (1998), “entrevista é um campo de trabalho no qual se investiga a conduta e a personalidade de seres humanos.”. Gil (2006, p.107) exemplifica a entrevista da seguinte forma:

A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista é uma técnica de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais. (...) Muitos autores consideram a entrevista como a técnica por excelência na investigação social (p. 107).

O tipo de entrevista utilizada na investigação foi a informal com resquícios da focalizada, ou seja, a entrevista compreensiva. Tínhamos como objetivo a coleta de dados, porém o objetivo era ter uma visão geral do problema pesquisado, mas sem deixar de focar o tema específico, mesmo, com tudo, o entrevistado ficava livre para delinear o assunto e encerrar a entrevista. Queríamos reconhecer a realidade e as opiniões pessoais de forma mais detalhada, é a forma de colher informações baseando-se no livre discurso do entrevistado.

Mesmo com a aplicação da entrevista menos estruturada, o questionário aplicado foi essencial. Esclarecemos que sempre quem controla a entrevista é o ser que está em processo de investigação, mesmo que, tecnicamente o controle seja do pesquisador (BLEGER, 1998).

Na parte das entrevistas, o pesquisador precisa estar sempre aberto a escutar e estar atento para as futuras mudanças que podem acontecer no decorrer das questões: “o entrevistador deve manter-se na escuta ativa e com atenção receptiva a todas as informações, quaisquer que seja elas” (CHIZZOTTI, 2003, p.93). Não podemos criar uma ritual, um roteiro fixo e “sem essa escuta da fala, não é possível investigar os elementos reveladores do latente encobertos pelos elementos falados e descritos no discurso manifesto” (MENDES, 2007, p. 68).

Sem escuta, há comprometimento na interpretação e nas hipóteses levantadas, isto é, no desenvolvimento da pesquisa, principalmente na construção de resultados. De acordo com Mendes, 2007, o uso da pesquisa na psicodinâmica tem por objetivos:

- (a) Compreender detalhadamente os sentimentos, crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos;
- (b) compreender o objeto de pesquisa sob a perspectiva dos entrevistados e entender como e por que eles têm essa perspectiva particular;
- (c) investigar o significado e/ou processo de uma unidade social e/ou dos fenômenos para o grupo pesquisado;
- (d) investigar a história individual;
- (e) realizar estudos descritivos e/ou exploratórios;
- (f) validar, clarificar e ilustrar dados quantitativos para melhorar a qualidade da interpretação; e
- (g) desenvolver e testar conceitos (MENDES, 2007, p. 69).

Para o auxílio da entrevista, articulamos o método das gravações e transcrições dos áudios, com autorização dos investigados. Fizemos isso para agregar à fase de interpretação. A interpretação é muito importante nesse método. De acordo com Flick (2009, p. 27) “O pesquisador, ao interpretar e apresentar a entrevista como parte de suas descobertas, produz uma nova versão do todo.”

Kaufmann (2013, p. 146) afirma que na. “interpretação são incontornáveis, não há pesquisa possível sem elas.” A interpretação é considerada uma ciência incerta, um processo baseado na subjetividade, ou seja, o indivíduo e sua maneira particular de enxergar as coisas, as atitudes, falas de outros indivíduos. A interpretação é formada por partes, nunca é baseada na imaginação, não se faz pensando apenas em hipóteses, é argumentativa. Essa argumentação é construída a partir da coleta e análise dos dados. Kaufmann (2013) salienta que, utilizar esse método é se arriscar, é ter audácia, não ter medo, ousar.

Para complementar os métodos, utilizaremos a análise de dados ou análises de núcleo de sentido (ANS), que pode ser definido como “um conjunto de procedimentos e técnicas a serviço do objeto de pesquisa. Os procedimentos são o modo de realizar e tratar os dados da

pesquisa, e as técnicas são o meio necessário para avaliar o real, que jamais é observado diretamente.” (MENDES, 2007, p. 67). A descrição desses núcleos é exemplificada com as verbalizações dos participantes da pesquisa.

A análise objetiva organizar e sintetizar os dados da pesquisa de maneira que possa viabilizar a manifestação de resultados para o problema investigado, ou propostas para o problema. Para isso usamos centramos a pesquisa na interpretação dos questionários e das entrevistas. 13 professores responderam aos questionários e duas professoras participaram das entrevistas gravadas.

3.2 Apresentação de resultados

Observação de campo e análises de questionários

Descrição da escola e perfil dos professores

A apresentação do trabalho para a instituição começou no início do mês de maio 2019. Todas as etapas foram acertadas com a diretora da unidade, com carta de apresentação e explicação da teoria da psicodinâmica. A escola foi escolhida por interesse particular da investigadora, por pertencer a uma área considerada de risco e ser, recorrentemente, marginalizada pela sociedade.

Um dos motivos que também acarretou a escolha foi por causa do público atendido. A escola é de ensino fundamental, no entanto recebe adolescentes de até dezessete anos. A maioria são residentes de zonas rurais, que precisam de ônibus para ir à unidade. Uma coordenadora foi encarregada de acompanhar de perto o desenvolvimento da pesquisa.

Os participantes da pesquisa são docentes de uma escola pública da rede estadual do estado do Tocantins, do município de Araguaína. A unidade possui, no total dezoito professores em cargos efetivos ou contratados, porém conseguimos realizar a pesquisa com treze docentes. Os questionários foram aplicados de forma livre e espontânea.

Ressaltamos com as palavras Chizzitti (2003, p.83) que “Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam”.

A seguir, podemos analisar a quantidade de docentes e suas respectivas disciplinas que estão ministrando aulas atualmente:

Quadro 1: Distribuição dos professores por disciplinas da escola.

Disciplina	Quantidade de professores
Língua Portuguesa ou redação	4
Matemática e física	4
Ciências ou Química	1
Artes ou Ensino Religioso	2
Historia	2

Fonte: organizado pela autora

A instituição atende 573 alunos, com turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, nos turnos matutino e vespertino. São crianças e adolescentes de diferentes idades. A maioria do público recebido é de zona rural, e grande parte depende de ônibus oferecido pela prefeitura para o acesso a unidade escolar. Infelizmente, às vezes os alunos não comparecerem as aulas por falta do compromisso do estado em garantir o transporte.

A unidade tem espaço para recreação, quadra poliesportiva com cobertura, banheiros espaçosos para os alunos, cozinha ampla, felizmente no período que passamos pesquisando não houve falta de fornecimento dos lanches. A escola conta com uma horta com hortaliças e de, acordo com a coordenadora, alguns dos temperos utilizados nas refeições são retirados da horta, que é um local conservado e bem tratado. Como na maioria das escolas estaduais, os lanches são servidos nas portas das salas de aula.

A secretaria tem banheiro individual, sala dos professores com banheiro individual, a diretoria, sala da coordenação, a biblioteca, o financeiro fica no mesmo pavilhão. A secretaria e diretoria são espaços parecidos, se diferenciam pelos banheiros que ficam na secretaria, e alguns monitores de vigilâncias que ficam na sala da diretora. A sala da diretora é um dos menores espaços da escola, e de acesso restrito.

A sala dos professores é espaçosa, possui um banheiro unissex, tem armários, cadeiras suficientes para todos os docentes, bancada para acomodar aqueles que não couberem na mesa, quadro de avisos e computadores. É refrigerada e bem iluminada. Aparentemente os professores gostam do ambiente. Acreditamos que o maior problema são os materiais esportivos ficarem na sala. Com isso, acontece de aparecer em alunos querendo pegar os objetos e atrapalharem o fluxo dos professores em produção.

A coordenação é ampla. Durante a investigação, conseguimos conhecer quatro coordenadoras pedagógicas. Normalmente, as escolas dividem os coordenadores por áreas das disciplinas. Nesta escola em que fizemos a pesquisa, dividem-se os coordenadores por turmas.

A sala possui computadores, com apenas dois, armários a chave. Há um caderno de advertências, que os professores podem pegar na hora em que houver necessidade. Na sala também fica outro monitor das câmeras de segurança.

Essas câmeras citadas servem para fazer a vigilância dos espaços frequentados pelos alunos. Há aparelho na quadra esportiva, no interior dos arredores da escola, do maior pátio de recreação, de algumas salas de aula e do lado externo da escola. A frente da instituição é uma extensão completamente monitorada pelas câmeras de segurança.

Não conseguimos conhecer o setor financeiro, aparentemente é um lugar mais privado que os outros espaços de fácil acesso. A biblioteca, lamentavelmente, é extremamente pequena, em local improvisado, provavelmente uma sala de aula. É mal iluminada e, não conseguimos dizer se o acervo disponível é suficiente para atender as necessidades dos alunos. Também não conhecemos a bibliotecária, pois acredita-se que a escola não tem. Presumivelmente, a pessoa responsável era uma das coordenadoras, pois observamos que ela ficava com a chave da sala e cuidava do acervo, além de realizar suas atividades cotidianas no local. Todas as salas citadas são climatizadas.

A escola tem cinco classes de 6º ano, sete turmas de 7º ano, cinco de 8º ano e três turmas de 9º. A unidade tem no total de dez salas de aula algumas mais ventiladas e mais claras que as outras, pois entra a luz natural do dia em algumas. Não são todas as salas que tem aparelhos de ar-condicionado, mas todas possuem ventiladores.

As aulas iniciam às 7 horas da manhã, e às 13 horas no turno vespertino, com quinze minutos de tolerância, como de costume. Fora isso, a entrada só é autorizada quando justificada. Diferentemente, das outras escolas do estado conhecida pela comunidade, nessa unidade, no período da manhã eles não batem o sinal de fim e início das aulas. Tocam apenas para início dos turnos, na hora do começo do intervalo e no fim do mesmo. Só toca, novamente no fim do turno matutino, sendo a troca de professores é responsabilidade destes. No horário vespertino o sino é acionado normalmente.

A entrada da escola não é livre, com uma porteira e tramela no portão. O diferencial é que antes do verdadeiro acesso ao pátio da escola existe uma grade, mas normalmente ela não fica travada. A escola é rígida com a entrada e saídas dos alunos, visivelmente cuidadosos e, acreditamos que isso se deve ao fato de que a região é zona periférica e próxima à rodovia federal.

Participaram da investigação com questionário treze docentes que são atuantes em salas de aulas e têm vínculo com a unidade escolar. O sexo predominante dos investigados é feminino, ou seja, dozes são mulheres, apenas um professor investigado. Destes nove são

casados, três solteiros e um divorciado. A faixa etária varia entre 25 a 50 anos, no entanto, a maior parte tem de 31 a 35 ou de 40 a 50. Sete possuem filhos, seis não têm. De acordo com os questionários, dois professores se consideram brancos, um amarelo, oito pardos e dois negros. A maioria tem apoio de alguém para manter o sustento do lar. Foi hegemônica a renda familiar de três a cinco salários mínimos. Todos possuem algum tipo de transporte e são residentes de Araguaína.

Docentes do sexo feminino estão em massa na educação, isso pode ser ainda por causa do processo educacional, mulher já nascer com a vocação do cuidado, quando era julgado que mulheres são as únicas responsáveis pelo ensinamento de meninas, essa teoria ainda é vista e presenciada, pois ser professor era semelhante aos cuidados do lar. Todos têm uma vida particular e que precisam conciliar Lar + Ser Professor.

E nítida a precária representatividade de docentes negros, quantos sujeitos negros possui um curso superior, não ramo da educação não é tão diferente (ESTADÃO, 2017). O salário não é satisfatório, no questionário perguntávamos a renda familiar, por isso, não podemos afirmar se os investigados responderem a base toda familiar ou só do seu salário mensal, mas levando em consideração as respostas, analisamos que por conta das obrigações exercidas, da cobrança constante, a retribuição não supre os desgastes do passar dos anos. Felizmente, grande parte possui algum tipo de transporte individual.

Formação dos docentes e situação funcional

Dos trezes professores, doze são graduados em áreas específicas, um tem especialização. Dois docentes trabalham há menos de dois anos na educação, um há mais de dois, porém menos de cinco, quatro entre seis e dez anos, um professor de onze a quinze e outro de dezesseis a vinte anos, apenas dois docentes têm nível superior a vinte e um anos de trabalho na educação. Um professor trabalha vintes horas semanais e apenas em um turno, doze trabalham quarenta horas e exercem suas funções os dois turnos. Ninguém exerce outra atividade renumerada.

Prevalecem professores na educação básica que possuem a graduação No estado, professores concursados conseguem licença para estudar. Isso não ocorre com os docentes de contrato. O problema está na ausência de concurso. Se eles voltassem a estudar precisam diminuir suas horas trabalhadas e automaticamente seus salários.

A maioria dos professores são contratos, uma estratégia do estado para segurar funcionários, principalmente em período eleitoral, o medo faz com que os cidadãos se predam ao governo. Isso é nítido, pois o estado está há dez anos sem fazer concursos públicos para a

educação. Como o esperado o vínculo trabalhista de onze professores são por contrato, dois são efetivos, ou seja, concursados. Como visto, os professores investigados desta unidade são em maioria contratados, isso é uma pequena amostra, entretanto sabemos que estes números são caracterização do estado e da manipulação sobre os professores.

Dois professores têm benefícios de plano de saúde, porém é pago pelos próprios. Provavelmente, os outros não fazem uso desses benefícios, por razões econômicas, pois precisam tirar dos seus salários é provável que isso seja complicado, possivelmente essa retirada fará falta. Sabemos que, se não compram seus “benefícios”, não haverá, ou seja, o estado não oferece qualidade de vida com planos gratuitos como: auxílio alimentação, transporte ou saúde.

Nove docentes participam apenas de cursos oferecidos pela instituição, um pesquisado faz cursos gratuitos ofertados pela rede estadual e ocorrem fora da instituição, dois fazem cursos por conta própria. Nenhum dos professores sofreu afastamento ou desvio de função durante seus anos de trabalhado na educação. Seis atribuíram que a há política de incentivo pela instituição ou governo, dois assinalaram que não tem o restante dos pesquisados preferiram não comentar.

Relações institucionais

A relação hierárquica foi dominada por “Ótima” em relações aos superiores, isto é, com a diretora e coordenadores da instituição, dois investigados assinalaram que a relação é “Boa”. A relação com seus semelhantes, ou seja, com outros professores foram preeminente “Ótima”, porém cinco distinguiram que a afinidade é “Boa”.

Em análise, percebemos que a diferença de números entre “ótima e boa” é, relativamente pequena. Com esses dados, levantamos duas hipóteses: Primeira: a convivência da escola é saudável, com companheirismos e sem problemas de submissão e silenciamento dos indivíduos. Cada sujeito tem livre arbítrio e faz uso dele, acreditamos que essa seja a causa, pois no período de investigação observamos que, aparentemente não há problemas com convivência e comunicação. Segunda: os investigados não desejavam passar características de equipe individualista para alguém de fora, fato que não resultamos como problema, geralmente a imagem é importantíssima para participantes.

A ligação com os alunos foi predominante “Ótima”, poucos professores assinalaram como “Boa”. Concluimos que o corpo docente não atribui problemas maiores aos alunos. Com essa coleta acreditamos que o respeito é pregado constantemente na unidade, ou seja, é

muito cobrado. Os questionados comentaram a questão “como você se relaciona com os discentes?” com os seguintes enunciados.

“Ótima: Devido o respeito dos mesmos pela equipe de docentes” (Q-1)

“Ótima: Os alunos são participativos, e absorvem bem o conteúdo ministrado” (Q-2)

“Boa. É necessário que haja um bom relacionamento para que o trabalho seja bem desenvolvido” (Q-3)

“Boa. É uma relação de boa convivência, com dias mais tranquilos, já outros são mais um pouco mais intensos” (Q-4)

Quando o educador analisa a interação como “Ótimo”, percebemos que eles comentam sobre o comportamento e participação nas aulas ministradas, isso automaticamente, faz ligação com o respeito ao professor. Os docentes que prefeririam assinalar “Boa”. Em suma os professores valorizaram a convivência, o bom relacionamento, isto é, o respeito mútuo.

Para analisar o ambiente escolar trabalhamos com perguntas fechadas que acarretavam os seguintes questionamentos. Na questão 33, perguntávamos: Existe trabalho em equipe? Todos os investigados assinalaram que “Sim”, existe trabalho em equipe. Na questão 34: Existe cooperação? Novamente, todos disseram que “Sim”, existe companheirismo. Na questão 35, questionávamos a autonomia do educador: existe autonomia? Dez docentes definiram como “Sim”, existe autonomia. 3 professores assinalaram “Não”, há falta de autonomia. Na questão 36, falávamos sobre o espaço de fala: existe espaço de fala? Em massa os professores disseram que “Sim”, existe este espaço.

Consequentemente, deduzimos que o âmbito escolar é saudável e não tem problemas constantes, os investigados não demonstram desapontamentos com o desenvolvimento que a unidade está levando, aparentemente, a unidade vive em equilíbrio.

O questionário era composto por quatro questões totalmente abertas que destacavam o emocional e as expectativas de vida e profissional dos investigados.

No quadro abaixo visualizaremos um recorte das questões:

29. Como você se sente emocionalmente e fisicamente com relação a seu trabalho?

30. O que você gostaria de mudar em seu trabalho?

31. Quais suas expectativas para o trabalho? Progressões, reconhecimento, etc?

32. Quais são suas expectativas para vida?

Como previsto em questões abertas, infelizmente, tivemos respostas sucintas ou questões deixadas em branco, que podem refletir a insegura em demonstra fraqueza. Analisaremos, as respostas em núcleos de sentido distintos, com transcrição de respostas dos investigados.

Descrição dos núcleos de sentidos, questões 29, 30, 31 e 32.

Núcleo I: Autopercepção emocional e física positiva no trabalho

“Me sinto emocionalmente feliz, por realizar um sonho que surgiu quando ainda era criança” (Q-2).

“Realizada e satisfeita com os resultados” (Q-1).

“Quando você gosta do que faz tudo fica prazeroso” (Q-8).

“Desenvolvo meu trabalho com muito carinho e respeito pelos alunos. Na parte física não sinto tanto desgaste, amo o que faço” (Q-9).

“Ótima” (Q-6).

“Bem” (Q-3).

“Muito bem” (Q-10).

De modo aparente, os professores estão, aparentemente, com o emocional estável, pois, nas suas respostas não demonstraram desapontamentos ou frustrações, porém quando analisamos a questão quatorze que questionava o tempo de serviço dos professores, a maioria tem menos de cinco anos de serviço, quando falamos em “realização pessoal” consideremos o

esforço que todo profissional da educação precisa passar na graduação ou o que é preciso para conseguir um contrato, ou seja, é necessário empenho extra para conseguir ajustar as necessidades e os riscos. Acreditamos que é mais simples dizer que está satisfeito quando passou por dificuldades. Falar de realização, ou satisfação profissional é uma forma comum de expressar contentamento.

Também, levamos em consideração as respostas sucintas. Com isso, poderemos levantar hipóteses. Os investigados não desejavam participar do preenchimento dos questionários, provavelmente por considerar uma “invasão” ou o receio de se expressar, de repassar a verdadeira situação emocional, primeiramente, por julgar algo pessoal, medo ou vergonha de dizer os fatos como são, o que estão passando. Acredita-se que demonstrar sofrimento possa ser a demonstração de fracasso, ou arrependimento e isso são sensações que, normalmente os sujeitos não querem repassar a estranhos.

Núcleo II: Autopercepção emocional e física negativa no trabalho.

“Às vezes cansada” (Q-11)

“Cansada, estressada” (Q-7)

“Cansada já. Após 24 anos de trabalho já penso em aposentadoria” (Q-5)

“Emocionalmente somos bastante sugados, pois cada aluno é diferente do outro, e exige bastante atenção. Logo, o físico fica bastante cansado também. Desgastada em ambos.” (Q-4)

O cansaço é um sinal nítido de esgotamento físico no decorrer dos anos de qualquer profissional, é comum encontrarmos relatos de cansaço, de estresse ou de desgaste emocional depois de anos de profissão de um professor. Esses relatos foram extraídos de questionários respondidos por professores de dez a vinte um anos de carreira. Com esses trechos podemos visualizar várias etapas do esgotamento profissional e a forma como afeta os profissionais.

A priori, podemos observar que o cansaço físico e psicológico são a forma de expressão mais comum e isso é mais recorrente à atribuição de tempo à carreira. O ser professor já é carregar o seu emocional e, provavelmente dos seus alunos, isto é, tudo piora quando existem seres que, diretamente, dependem de você. O professor é um tipo de base para o aluno, pode ser sufocante, precisar cumprir suas obrigações e se doar para atender alunos com necessidades emocionais ou físicas, requer doação, concentração e, provavelmente a habilidade de deixar de lado sua vida pessoal e seu bem-estar para atender seus alunos e sempre preciso se manter estável, mesmo estando precisando de ajuda. O que diferencia as repostas do núcleo I e II é o tempo de trabalho, demonstrando que conforme aumenta o tempo em sala de aula também cresce a insatisfação e o cansaço.

Núcleo III: Indicação de mudanças.

“A localização” (Q-3)

“O salário” (Q-2)

“Gostaria de ter mais apoio por parte de entidades, ofertando possibilidades aos alunos problemáticos” (Q-9)

“A jornada deveria ser menor” (Q-5)

“Acredito que teria que ter menos alunos em sala e menos horas trabalhadas, para que assim o desgaste seja menor.” (Q-4)

A insatisfação com a localização era algo esperado, nesta pesquisa. A escola é localizada em um setor afastado, longe do centro comercial, isto, provavelmente, é cansativo para alguns dos professores, principalmente os que trabalham quarenta horas semanais. O salário para professor é tópicos de luta constante, os atos e pedidos pela melhoria salarial são demanda antiga e, infelizmente acontece de ser frustrante, com bloqueio das remunerações dos professores nunca muda. As horas trabalhadas é um caso grande, sabemos que para ganhar um salário equivalente as obrigações é preciso trabalhar dobrado, por isso, a maioria dos professores de rede pública trabalha no mínimo quarenta horas semanais, que geralmente se enquadra no máximo a quatro salários mínimos.

O desejo de mudança na quantidade de alunos em sala é um benefício para os próprios discentes, mas também agrega facilidades aos professores, sabemos que, quanto mais pessoas para explicar, dialogar e manter em foco mais trabalhoso é para o professor, mas também é dificultoso para o aluno manter a atenção, principalmente para discentes que tem algum nível de dificuldade. A que para o professor, quando menos alunos em sala, o foco é maior e a atenção deles e mais participação.

Quando o docente precisa de mais atenção, interpretamos que atenção de entidades governamentais, seria para apoiar alunos que tenha dificuldades com desempenho, estudantes com dificuldades de concentração, aprendizagem ou alunos com problemas no desempenho por problemas familiares, ou comportamentais. Podemos acrescentar os pré-adolescentes que podem se envolver em problemas sociais, como drogas ou roubos. Ultimamente, essa é uma preocupação constante das escolas. Levantamos essa hipótese, por conta da região que a unidade fica e das regiões periféricas.

Núcleo IV: Expectativas e Projetos.

“Reconhecimento, progressões” (Q-7)

“Progressões” (Q-11)

“Reconhecimento, valorização salarial” (Q-3)

“Reconhecimento” (Q-2)

“No momento esses incentivos na Educação parados. Então sem expectativas” (Q-4)

“Nenhuma mais” (Q-5)

O reconhecimento, a progressão, e a valorização salarial para funcionários públicos é uma reclamação constante, como já mencionado, uma luta árdua, infelizmente não importa a área de atuação. Quando paramos para pensar em progressão somos levados a dois caminhos interpretativos. O primeiro, que se liga à sucessão, promoção de cargo, que liga ao desenvolvimento individual, que faz eixo ao reconhecimento, reconhecimento do estado, da sociedade, ou reconhecimento pessoal.

Existem professores, que de certa forma, já desistiram dos seus direitos ou do desenvolvimento pessoal no seu trabalho. Não por desistência, mas por autoritarismo do estado. Quando lemos que o profissional almeja progressão, reconhecimento ou aumento salarial, é porque, provavelmente o docente ainda se importa com sua carreira e a melhoria da mesma, porém saber que alguns já desistiram, ou seja, não estão com expectativas, pois o estado não está cumprindo com suas obrigações é frustrante, o professor é sobrecarregado e no final não é visto, possivelmente estes profissionais estão individualmente derrotados, ou se vendo como fracassados profissionalmente.

Núcleo V: Projetos de vida.

“Gostaria de uma mudança onde os professores serão reconhecidos, e terão um melhor tratamento” (Q-4)

“Ter uma formação profissional que me realize e me ofereça um bom salário” (Q-9)

“Fazer um mestrado, doutorado. Ser professor universitário” (Q-3)

“Mestrado” (Q-11)

“Mestrado/Doutorado” (Q-2)

“Me aposentar e descansar, viajar bastante.” (Q-5)

Fala em formação que ofereça um bom salário, ou simplesmente apontar o desejo de mestrado e doutorado nos faz levantar dois aspectos. O primeiro é simples, no estado quando se tem qualificações ou títulos extras, o funcionário passa a ganhar mais. Contudo a segunda nos remete a desistência do ensino básico, ou seja, faz ligação com a progressão individual, se

livrar do caos da educação pública e investir em mais estabilidade, tranquilidade, a educação superior é, socialmente, vista como mais equilibrada que o ensino básico, é mais fácil de trabalhar, assim, seria uma forma de evitar o desgaste físico e emocional, de prevenir o adoecimento. Em resalva, continuar a formação não é motivação apenas sobre a motivação salarial, mas também é aprendizado.

3.3 Apresentação das entrevistas

Dos trezes investigados duas professoras foram participantes da entrevista gravada, que serão nomeadas como E-1 e E-2, para conservar a integridade e anonimato de ambas. Essas entrevistas foram realizadas individualmente e de acordo com a disponibilidade das participantes, o objetivo do método era analisar de perto as professoras de língua portuguesa da unidade, das quatro educadoras vinculadas, apenas duas se dispuseram a contribuir com a coleta de dados, inicialmente as perguntas eram de acordo com o questionário já respondido, entretanto tudo seria conduzido de acordo com o desenvolvimento da conversa, valorizamos a liberdade das professoras, a expressão, o bem estar durante o diálogo. O tempo de entrevista foi controlado pelas participantes.

Ambas entrevistas foram iniciadas com a mesma pergunta. Qual a primeira coisa que vem a sua cabeça quando pensa ou alguém fala de trabalho? A partir desse tópico a entrevista seguiu de modo individual, pois acontecia de seguirmos de forma livre e guiadas pelas respostas para cada questionamento. Analisaremos as respostas de cada entrevistada, depois iremos fazer as análises de sentidos com ambas, o que elas têm em comum.

A entrevistada E-1, possui vinte cinco anos de carreira na educação, todos de sala de aula, nunca sofreu afastamento ou foi remanejada, ela tem quarenta e cinco anos de idade, não é casada e não tem filhos, vive ansiosa para a aposentadoria.

Inicialmente, perguntamos sobre o que a E-1 pensa quando alguém fala sobre seu trabalho ou ela pensa nas obrigações quando está fora do espaço que exerce suas funções. A mesma afirmou com empolgação que se sente realizada, mas não justificou a respostas, foi objetiva e sem rodeios. Perguntamos se ela não sente cansaço físico ou psicológico? Ela reconhece o cansaço em partes. Como estávamos no início do semestre letivo, ela narrou: Como ainda estávamos no início do ano não se encontrava cansada, mas se voltarmos no segundo semestre com a mesma pergunta para qualquer professor da unidade a resposta seria diferente. Perguntamos se o segundo semestre é mais complicado, o que levou a convicção,

“quando passa para o segundo você vai ver todo mundo cansado, isso é natural”. Falamos sobre cansaço visual, E-1, afirmo que é um cansaço visível, mas também de qualquer forma, ou seja, o psicológico fica abalado da mesma forma.

A realização é um ato comum quando é praticante daquilo que lutou por anos, o simples fato de ter trabalho e de ter estabilidade. Interpretamos que os bimestres escolares têm ritmos individuais, porém concluímos que o primeiro semestre requer o esforço do conhecimento, da adaptação as obrigações de incluir novos alunos de condicionar os antigos e novas turmas, de planejamentos, as capacitações, a formação de um novo calendário, automaticamente o segundo é mais intenso, árduo, pois as energias se dispensaram no início. Com certeza os alunos já estão mais dispersos ou mais agitados, o cronograma precisa de total apoio dos docentes, tudo isso vai ser reflexo tanto no desempenho, como na fisionomia, como no cansaço ou estresse, principalmente no acúmulo de sensações. De toda forma, cabe ressaltar que a energia física e emocional do professor se dissipam ao longo do ano letivo, demonstrando que existem elementos estressantes acima da capacidade de vivenciá-los, podendo ao longo do tempo produzir adoecimento ou não, conforme a capacidade de transformar o sofrimento em novas produções de trabalho.

Queríamos saber se a entrevistada tinha receio ou preocupação de entrar em alguma sala, Ela julgou que quando o educador conhece seus alunos é mais tranquilo, não vai surgir problemas novos, ela não precisa se preparar para receber pessoas desconhecidas. A professora só ministra aulas para os sétimos anos. Perguntamos sobre essa preocupação com os novatos, Ela, aparentemente, prefere os alunos fixos na unidade para evitar surpresas, receber alunos de outras escolas é dificultoso, é preciso uma nova adaptação. Essa postura de tentar controlar as “novidades” é compreensível uma vez que já se encontram no limite do cansaço.

A escola é situada em bairro considerado periférico, normalmente os alunos ingressantes também irão ser de outras escolas de periferia, socialmente sujeitos de classes baixas são marginalizados, possivelmente a professora possui dificuldades com os alunos não conhecidos, também analisamos que a professora já conhece há anos o ritmo da escola que trabalha e como os alunos são. Essa rotina é refletida na salas de aulas.

Perguntamos quais as expectativas da E-1. Ela foi clara e objetiva. Ainda precisa trabalhar, então vai continuar trabalhando, porém que sempre diz “ser professor é a única profissão que todos querem aposentar, ninguém pensa duas vezes, ninguém vai dizer, eu não quero aposentar, eu ainda quero três ou quatro anos de trabalho no ensino” e divulgou que aposenta daqui uns dias. Uma professora que estava próxima exclamou dizendo que não

estava preparada para a aposentadoria da colega, E-1 afirmou de forma sorridente e espontânea, “Eu estou preparada.” E depois continuou “Todos estão, todo professor que aposenta, e quando aposenta ele não volta à escola, ele não quer saber de trabalhar.”. Instigamos: ela continuou dizendo “Eu estou preparada para aposentar. Estou super disposta a me aposentar. E viver muito bem”. Com isso, visualizamos que aposentar e seu maior objetivo no momento. Percebemos também que apesar da professora não manifestar maiores sofrimentos em sua fala, nesse momento ela deixa transparecer o peso do trabalho ao afirmar que nenhum professor quer voltar ao trabalho depois de aposentar.

Com essa exposição desejamos saber como ela se sente fisicamente e psicologicamente em relação a seu trabalho. Ela foi objetiva, clara e concisa na questão. “Estou cansada”. Para a mesma, trabalhar com pessoas é cansativo, principalmente com crianças, de acordo com o discurso da E-1, a faculdade não prepara o universitário para a realidade, na escola é diferente, nesse momento ela ficou em silêncio, olhou diretamente e completou “Todo estagiário sente essa diferença”, ela afirmou que a graduação é um pouco fora da realidade que a escola vai apresentar.

A última pergunta foi sobre arrependimento, se em algum momento se arrependeu da escolha. Ela respondeu “Não, eu gosto de ser professora, sempre foi minha profissão”. Questionamos se ela gostava de trabalhar naquela unidade, ela falou. “eu gosto daqui”. Ela opinou a respeito, dizendo que acha as outras escolas mais problemáticas, mesmo estando em setor afastado, mesmo trabalhando em uma área de risco é um ambiente agradável, bom de conviver, para ela é seguro, a equipe é unida, lógico que há diferenças, no entanto, são sempre desfeitas, de uma forma natural. A resposta da professora coaduna com as que encontramos nos questionários, evidenciando que, apesar do labor intenso, o ambiente escolar é facilitador do processo. Podemos ressaltar nesse ponto aquilo que Dejours evidencia em sua teoria, mesmo frente ao sofrimento se o ambiente é facilitador, ele diminui a incidência de adoecimentos.

A entrevista foi sucinta e espontânea, ela não tinha medo de usar a expressão, falava de forma simples e clara, não fazia rodeios, não permitia deixar segundas impressões, em conclusão, é nítido que ela é feliz por suas conquistas, falava tudo com alegria, contudo é obvio que já chegou ao seu limite pessoal, Ela precisa de um tempo para descansar, retirando de suas falas a aposentadoria vai ser muito aproveitada, como a mesma exclamou “viver muito bem”.

A entrevistada E-2 tem dez anos de carreira na educação, todos de sala de aula, nunca sofreu afastamento ou foi remanejada de cargo, ela tem trinta e cinco anos, é casada e tem filhos.

A priori, questionamentos o que a participante sente ao alguém falar de trabalho ou quando a mesma pensa sobre o assunto. Ela cita a gratidão, falou no sentimento várias vezes, justificando que muitas pessoas se encontram sem emprego ou estabilidade financeira, ela exemplificou “Por mais que seja exaustivo, cansativo, mas a sensação é essa, o sentimento é esse, gratidão. Apesar dos pesares”. A mesma cita o cansaço físico, entretanto isso não apaga a gratidão, as situações atuais da educação não tiram esse sentimento, não diminui a satisfação. Vemos nesta fala da professora a tentativa de compensar seu sofrimento no trabalho, é como se quisesse minimizar dizendo para si mesma que outros sofrem mais, pois nem trabalho possuem. Dessa forma é perceptível que existe uma situação mais alarmante que a da primeira entrevistada

Quando questionamos sobre o estado físico e psicológico, Ela falou que fisicamente o cansaço é maior, o cansaço é natural quando se é humano, por mais que lutemos diariamente é nossa fraqueza e o cansaço mental, automaticamente é gerado de forma livre e espontânea. Quando se tem sentimentos é natural desenvolver cansaço, às vezes não é por querer é, simplesmente por sermos humanos, no final concretizou, “nós somos movidos por pensamentos e sentimentos”. Assim, novamente percebemos a diminuição do sofrimento alegando que o cansaço é inerente ao ser humano, fato inverídico.

Perguntamos sobre receio de entrar em alguma sala. Ela foi clara e concisa exclamando “Não!”, foi nítido no rosto da participante que aquela pergunta foi estranha, porém depois ela respondeu “Se você me fazer essa pergunta de dois anos para cá, não”, depois ela esclareceu a situação, a medida que o profissional adentra em sala, se doar, conhece seus alunos, as realidades individuais e a realidade da educação pública, pensa que medo e receio não existem, essas sensações são substituída por preocupação, a partir do momento que você conhece as situações de cada sala. Ela concluiu essa questão dizendo “medo e receio não condiz com meu dicionário”.

Queríamos saber se ela se sente satisfeita com o reconhecimento, com o ensino. Ela associa o ensino ao conhecimento particular, acredita que o conhecimento é diário, com o passar dos anos vai aprofundando seus conhecimentos, vai descobrindo metas e acrescenta “As dificuldades, na medida do possível, a gente vai tentando diminuir.” Para ela o que mais vale é o reconhecimento pessoal, a E-2 acredita que quando o professor pratica seu máximo e consegue perceber que deixa sua semente é gratificante, lógico que considera as fraquezas,

para a mesma é algo natural, contudo quando o professor consegue se reconhecer é o mais importante.

Com base nesse relato perguntamos se ela mudaria alguma coisa. A investigada confessa que sempre faz a si mesmo esse questionamento e sempre chega a uma única conclusão. Se escolhermos ser professores, precisamos entrar com o objetivo de sempre passar o mais importante, aquilo que realmente sabe, não são simples técnicas, o professor precisa saber que tudo é moldável é preciso sempre estar disposto a se adaptar. Para ela, antes de mudar qualquer coisa nos sistema é necessário à mudança individual, e sempre se questionar “Será que realmente é isso que eu quero? Será se estou disposta a encarar isso? Ou eu estou disposta a vida toda estar nessa profissão reclamando, reclamando, reclamando e reclamando, e esse reclamar você vai se perdendo, vai, às vezes ficamos frustrados”. Novamente na fala da professora aparece suas frustrações com o cotidiano. Apesar de não abordar diretamente as dificuldades de sua profissão, deixa escapar o “reclamando” de forma reiterada, demonstrando novamente suas dificuldades com o trabalho.

A pergunta para fechar a entrevista foi igual à entrevista anterior. Queríamos saber se a entrevistada se arrepende da sua escolha inicial. Ela foi clara respondendo que “não há arrependimentos”, com o passar dos anos o profissional vai se doando vai visualizando a sala de aula como propriedade de ensino, ela diz “além de você ensinar, você aprende muito, muito mais”, é consequência da diversidade, das realidades encontradas “certa forma, você querendo ou não acaba ajudando”. Para E-2 não é só questão de ensinar as regras que cercam a língua portuguesa tudo é agregado com as questões humanas, a maioria dos alunos tem dificuldades, o professor acaba pegando o papel de mediador para suprir as dificuldades de cada aluno.

A entrevista foi extensa nas suas respostas e espontânea, assim como a anterior ela não teve medo de se expressar, falava de forma simples, porém aparentava nervosismo, era clara, contudo fazia rodeios, em conclusão, é nítido que Ela é feliz por suas conquistas, falava tudo com seriedade, aparentemente tem muita garra para continuar trabalhando no ensino básico, como ela muito mencionou “eu sou extremamente grata”, por outro lado é possível perceber dificuldades encontradas e citação de falta de energia para o trabalho, caracterizando talvez um início de esgotamento. Talvez a primeira entrevistada não tenha aparecido esses elementos de forma mais clara, pois está prestes a se aposentar, então tem um horizonte muito próximo de sair da circunstância atual.

Núcleo de sentido I: Gratidão e Realização.

A primeira coisa que ouvimos no início das entrevistas foi “Realização. Realização profissional.”- E-1. Da E-2 não foi diferente “Sensação de gratidão”. É nítida que as entrevistadas estão em momentos diferentes de suas vidas, contudo a sensação de realização, satisfação é compartilhada por ambas. Em primeiro caso tivemos, a resposta da E-1 foi sucinta, clara e objetiva, interpretamos esse fato como uma forma indireta de falar da satisfação que sente, porém tem reconhecimento dos problemas que precisou enfrentar e continua passado. No segundo caso, a E-2 foi mais explicativa, a entrevistada justifica sua resposta, ela falou sobre os percalços da profissão. Em análise, concluímos que as duas mesmo vivendo momentos diferentes, as experiências compartilhadas são semelhantes.

Núcleo de sentido II: O cansaço é naturalizado.

Vejamos, quando questionamos o cansaço tivemos como resposta. “O primeiro semestre é bom, quando passa para o segundo você vai ver todo mundo cansado, isso é natural.” (E-1). “Nós somos seres humanos, qualquer pessoa tem” (E-2)

Conclui-se que, os dias vão passando, as sensações vão acumulando, a sensação de desgaste. A primeira entrevistada usou como exemplo o ano letivo, no início é mais tranquilo, no final os professores já estão sobrecarregados e esgotados. A segunda não faz uma divisão no tempo de trabalho, ela afirma que o cansaço é constante, simplesmente por sermos seres humanos, o profissional pode lutar diariamente, mas a sensação não se ausenta. A naturalização do cansaço é sinônimo de um processo de permanente esgotamento e uma tentativa de explicar pela via da racionalidade tal sensação. Não é natural estar permanentemente cansadas, e isso é representativo de processos de adoecimento.

Núcleo de sentido III: Preocupação única via possível

Ambas são concordantes nas opiniões que quando o professor conhece seus alunos, são conhecedores das realidades individuais eles não geram receio e não vão alimentar esse sentimento. “Não, na medida que você vai adentrando, se doando, conhecendo e vendo as verdadeiras realidades de cada sala de aula” (E-2). “Todas que estou entrando eu cuidei ano passado” (E-1) O profissional vai ser tornar uma base para os problemas dos discentes, agindo de maneira particular. Para reforçar a opinião a E-1 deixou claro que o perigo é os novatos, por estarem recebendo de escolas diferentes, isto é, se houver receio é com o desconhecido.

As explicações de medo e receio calcados na preocupação parecem indícios de um mascaramento de sofrimento, quando sentimentos são explicados acabam por naturalizar os sentimentos.

Núcleo de sentido IV: Sem arrependimentos, profissão como vocação.

A E-1 foi direta em sua resposta “Não, eu gosto de ser professora, sempre foi minha profissão”, não houve brecha para explanação. A E-2 falou “Não, não há arrependimentos”, no entanto justificou sua resposta, dizendo que é uma troca constante de saberes.

As entrevistadas têm formas distintas de expressão e de ver o desenvolvimento da profissão, uma se preocupa muito com o bem estar dos alunos e, aparentemente não está interessada na progressão responsável pelo governo, no reconhecimento social, para ela o importante é viver bem e satisfeita com sua profissão. A outra, visivelmente precisa de sua aposentadoria, ela se encontra ansiosa para o fim da carreira no ensino básico, não quer mais comprometimento, só precisa descansar para conseguir viver bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a teoria Dejouriana trabalhar é sofrer e, para a teoria freudiana o trabalho também é uma fonte de sofrimento. Consideramos que o atual cenário político, a desvalorização do funcionário público e, infelizmente do professor.

O trabalho não é o único determinante do sofrimento humano, entretanto não podemos negar os efeitos nítidos que as relações e funções profissionais causam nos sujeitos-trabalhadores. Conforme propõe o nosso aposte teórico. A exposição aos danos do trabalho é considerada severo, o trabalhador é refém das vontades sociais, a pressão psicológica e da falta de apoio.

O cansaço físico e psicológico é o primeiro vestígio de desgaste. Interpretamos que seja o oriundo do sofrimento. A fadiga é origem do excesso de horas trabalhadas, das obrigações atribuídas, considerando que algumas funções não eram para ser praticadas pelos professores, da agenda extracurricular que precisa ser cumprida; automaticamente, geram estresse, insônia ou excesso de sono, mau-humor, dores musculares e indisposição.

As percepções de prazer foram mais significantes durante as análises de dados, estas condições estão ligadas à realização profissional, o orgulho de ser professor à vocação. Esses são sentimentos que podem aparecer, independentemente, das condições oferecidas para os trabalhadores, são sensações comuns. Os professores enfocados não aparentaram sofrer com o poder hierárquico, aparentemente não há problemas com os estudantes da instituição. A maior parte julga ter liberdade de expressão, independência e podem usar da criatividade no ambiente de trabalho.

Nossa dificuldade de detectar e se esses docentes estão passando por um processo de alienação, ou seja, os trabalhadores estão reprimindo seus sentimentos e, automaticamente, vivem em prol de suas funções. Essa repressão pode ser devida ao medo, ou insegura, principalmente, quando consideramos que a maioria dos professores da unidade escolar são contratados, isto é, mantêm vínculos provisórios com o governo no estado e qualquer falha pode ser motivo de repressão, de demissão ou a não renovação de contrato.

O sofrimento tem natureza na falta de reconhecimento social e, provavelmente, esse é o maior causador de desgaste emocional e, conseqüentemente o fim das progressões, isto é uma indignação geral. Os professores não acreditam que as devidas progressões da carreira irão voltar, eles estão fadigados do processo de melhoria que não existe. Com isso, os docentes já desistiram dessa procura por melhoria e desejam mudar seu local de atuação, isto

é, os profissionais da educação possuem o desejo de trocar a educação básica pelo ensino superior.

O esgotamento profissional, a sobrecarga, o cansaço, o estresse também são indicadores de sofrimento. Se sofrimentos maiores estão acontecendo no ambiente de trabalho destes docentes, infelizmente eles optaram por não falar. Por cultura ou ensinamentos, somos construídos a não demonstrar fraquezas. De acordo com a teoria a maneira mais saudável de reconstruir cidadãos é por diálogo, convívio com semelhantes, reorganização dos ambientes para diminuir os impedimentos que possam estar bloqueando o poder de expressão e de melhoria para saúde individual.

A investigação tinha o objetivo de analisar os fatores apontados por docentes quanto à sua percepção de sofrimento no trabalho de docentes de uma unidade escolar pública do estado do Tocantins, estudando, assim as vivências de prazer e de sofrimento na organização do trabalho. Pesquisar é semente para mudança. Assim julgamos que é preciso realizar mais pesquisas em nossa cidade acerca dos professores araguainenses, para que possamos ter mais teorização sobre sofrimento/adoecimento, para criamos possibilidades e estratégias de apoio à saúde dos docentes.

REFERÊNCIAS

- AMCHAM, B. **Mercado de trabalho ainda é excludente para negros no Brasil**. 21 de jun de 2017. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/blogs/ecoando/mercado-de-trabalho-ainda-e-excludente-para-negros-no-brasil/>>. Acesso em: 25 maio. 2019.
- ANCHIETA, C. V; CAVALCANTE, L, A; GALINKIN, L, A; MENDES, B, M, A. **Trabalho e Riscos de Adoecimento: Um Estudo entre Policiais Civis**. Psicologia. Teoria e Pesquisa, Vol. 27 n. 2, p. 199-208, Abr-Jun 2011.
- AUGUSTO, M, M. FREITAS, L, G. MENDES, A, M. **Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 34-55, abr. 2014.
- AUGUSTO, M, M; FREITAS, G, L; MENDES, M, A. **Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 34-55, abr. 2014.
- BAUER, M. W. & GASKELL, G. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2000).
- BLEGER, J. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**/ José Bleger; tradução Rita Maria M. de Moraes; revisão Luis Lorenzo Rivera. 2º ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- BOCCA, F, V. **Prazer, Psicanálise! Pleasure, Psychoanalysis!**. Natureza Humana 11(1): 101-128, jan.-jun. 2009.
- CAMPOS, D, C. **Atuando em psicologia do trabalho, psicologia organizacional e recursos humanos**. Reimpr. Rio de Janeiro, 2014.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Biblioteca da Educação. Serie 1: v.16)
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução: Magda Lopes. Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição: Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre. Artmed, 2000
- DEJOURS, C. (2004). **Subjetividade, trabalho e ação**. *Revista Produção*, Revista Produção, v. 14, n. 3, p. 027-034, Set./Dez. 2004.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.** Tradução: Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5.ed. ampliada. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DEJOURS, C. **Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho.** In: Lancman, S., Sznelwar, L. I. (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho.* Brasília: Paralelo 15

DEJOURS, C. **Christophe Dejours: entrevista** (Set. 2001). Entrevistadora: CARDOSO, R, M. *Ágora V.* IV, N. 2, jul/dez 2001. Concedida pela Internet. Tradução: Pedro Henrique Bernardes Rondon.

DEJOURS, C. **Da Psicopatologia à psicodinâmica do Trabalho,** *Brasília: Fiocruz, 2004.*

DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho, contribuição da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** Cristophe Dejours, Elisabeth, Cristian Jayet, coordenação Mari Irene Stocco Brtiol. Tradutores: Mari Irene Stocco Brtiol...et al. 1. ed. 10. Reimpressão. São Paulo, Altas. 2009.

DUARTE, F. S. & MENDES, A. M. **Psicodinâmica do Trabalho do Coletivo de Profissionais de Educação de Escola Pública.** *Psico-USF, Bragança Paulista, v. 20, n. 2, p. 323-332, mai./ago. 2015.*

ERGONOMIA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português.** Porto: 7Graus, 2018
Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ergonomia/>>. Acesso em. 15 abr. 2019.10

FERREIRA, A, B de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** Coord.

FERRIERA, B, F, ANJOS, M. 4º ed. Curitiba. Ed. positivo, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Babaçu.* In:____. *Novo Aurélio Século XXI: dicionário da língua portuguesa.* 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 248.

FERREIRA, C. M.; MENDES, A. M. **“Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor”:** atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. *Estudos de Psicologia, 6(1), p. 93-104, 2001.*

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa/** Uwe Flick; tradução Joice Elias Costa. 3º ed. Porto Alegre, Artmed, 2009.

FREITAS, L, G. FACAS, E, P. **Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores.** Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 7-26, 2013.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização.** Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos. 5º ed. 7. reimpressão. São Paulo: atlas, 2006.

GRANDE, CAROLINA. **O trabalho e o afeto: prazer e sofrimento no trabalho dos professores da escola pública de Brasília.** 2009. Tese Mestrado em Sociologia. Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.

KAUFMANN, Jean. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo.** Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florêncio; revisão de Bruno César. Petrópolis, Rj. Vozes, Maceió, AL, Edufal, 2013.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, A. HONÓRIO, L, C. **Prazer e Sofrimento Docente em uma instituição De ensino Superior Privada em minas Gerais.** Revista OES, Salvador, v. 21, n. 68, p. 835-852, Jan – Mar, 2014.

MENDES, A, M, B. **Entrevista realizada com Ana Magnólia Bezerra Mendes.** (jul/dez, 2012). Entrevistadores: FERREIRA, C, L. PILATTI, L, A. Concebida a revista brasileira de qualidade de vida. v. 04, n. 02, p. 50-56, jul./dez. 2012.

MENDES, A, M. In. Plataforma lattes. **Currículo lattes.** Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do;jsessionid=504D357D8DD05DCA797DF9F84D904779.jb_buscacv_245-1>. Acesso em: 25 Mai. 2019.

MOROZ, Melania. **O processo de pesquisa: iniciação.** 2º ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

SANTOS, S, M. **Um mundo sem empregos ou de desemprego: Relações possíveis entre homem e trabalho para o século XXI,** Florianópolis, 1999.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa / Elizabeth Teixeira. 11. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2014.

VILELA, F, E; GARCIA, C, F; VIEIRA, A. **Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário**: estudo de caso em uma instituição pública. REAd, Porto Alegre, Edição 75 , n° 2, p. 517-540, maio-agosto 2013.

ANEXOS

Questionário

Em cada questão abaixo assinale com um X a sua opção, em algumas questões você poderá marcar vários aspectos.

Questões:

1. Sexo:
 Feminino Masculino

2. Estado civil
 Casado (a) Desquitado Divorciado
 Solteiro (a) Viúvo (a) Outro

3. Faixa etária:
 de 20 a 25 anos de 26 a 30 anos de 31 a 35 anos
 de 36 a 40 anos de 41 a 45 anos de 46 a 50 anos
 acima de 50 anos.

4. Quantas pessoas moram com você:

5. Quem é o provedor da sua residência:

6. Qual a sua faixa de renda familiar mensal?
 1 salário mínimo De 1 a 2 salários mínimos
 Aproximadamente 3 salários mínimos De 3 a 5 salários mínimos
 De 5 a 7 salários mínimos De 7 a 9 salários mínimos

7. Cidade onde reside:

8. Cidade onde trabalha:

9. Forma de deslocamento (casa/local de trabalho)
 Transporte Coletivo: ônibus/vans
 Bicicleta Motocicleta
 Automóvel A pé
Outra: _____

10. Têm filhos
 Não Sim
Quantos: _____

11. Nível de escolaridade:
 Magistério Graduação
 Especialização Mestrado Doutorado

- Outro: _____
12. Pertencimento étnico (cor/raça)
 Branca Negra Amarela
 Indígena Pardo
13. Quais são suas formas de lazer?
 Cinema Teatro Clube Ouvir música
 Assistir TV ou filmes/series Ler Estar com a família
 Trabalhos Manuais Fazer compras Dançar
 Computador/Internet Praticar Esportes
 Outros: _____
14. Tempo de serviço:
 inferior a 2 anos entre 2 e 5 anos entre 6 e 10 anos
 entre 11 e 15 anos entre 16 e 20 anos superior a 21 anos.
Quantos anos: _____
15. Cargo que exerce:

16. Sua jornada de trabalho semanal:
 20 horas/semanais 40 horas/semanais acima de 40 horas/semanais
 Outra: _____.
17. Em quantos estabelecimentos trabalha?
 Um Dois Três
 Quatro Cinco Superior a Cinco
18. Em quais turnos você trabalha?
 M V N
 M/V M/N V/ N M/V/N
19. Você exerce outra atividade profissional?
 Sim Não
- Obs: Se a resposta for sim, responda a esta questão:
- 19.1. Qual função? _____
- 19.2. Por quanto tempo? _____
- 19.3. Qual sua carga horária semanal nesta outra atividade profissional?
 Até 10 horas de 11 a 20 horas de 21 a 30 horas
 de 31 a 40 horas acima de 40 horas
20. Quais benefícios vocês recebem? Esta questão pode se marcar mais de uma alternativa.
 Auxílio alimentação Auxílio transporte Plano de Saúde

- Outros _____
21. Qual o tipo de vínculo trabalhista você mantém com a instituição em que trabalha:
 Efetivo Contratado
 Outro: _____
22. Você participa de cursos de aperfeiçoamento profissional?
 Somente quando são cursos gratuitos Promovidos pela instituição
 Com recursos financeiros próprios Custeados pela instituição
 Somente em horário de trabalho Somente cursos autorizados pela instituição, ou empresa Não participo por falta de tempo
 Não participo por falta de recursos financeiros
 Não participo por falta de interesse
23. Você já ficou afastado (a) da atividade profissional por problemas de saúde ocupacional?
 Sim Não
Qual? _____
Por quanto tempo? _____
24. A instituição em que você trabalha tem uma política de incentivo a carreira?
 Sim Não
25. Você já esteve em situação de desvio de função?
 Sim Não
- Por quanto tempo?

- Por qual motivo?

26. Como é a relação com o supervisor do seu trabalho?
 Péssima Regular Boa Ótima
27. Como é a relação com os outros docentes?
 Péssima Regular Boa Ótima
28. Como é a relação com os discentes?
 Péssima Regular Boa Ótima
Explique:

29. Como você se sente emocionalmente e fisicamente com relação a seu trabalho?

30. O que você gostaria de mudar em seu trabalho?

31. Quais suas expectativas para o trabalho? Progressões, reconhecimento, etc?

32. Quais são suas expectativas para vida?

33. No âmbito do trabalho existe trabalho em equipe?

Sim Não

34. Existe cooperação entre servidores?

Sim Não

35. Existe de autonomia?

Sim Não

36. Existe um espaço de fala?

Sim Não

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a)_ prazer e sofrimento no trabalho de professores do ensino público de Araguaína/TO conduzida por professora, Dra. Telma Pontes Borges. Este estudo tem por objetivo conhecer e descrever e analisar o sofrimento psíquico de professores de escolas da rede pública de Araguaína/TO. Verificar os fatores apontados por docentes quanto à sua percepção de sofrimento no trabalho; Conhecer os aspectos de prazer relativos ao ambiente de trabalho;

Você foi selecionado(a) por critério de seleção dos sujeitos do estudo, esclarecido de forma acessível. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Esta pesquisa será realizada em escolas da rede pública, feita pela acadêmica Anne Raytielle Moura da Silva, com o intuito de colher as devidas informações necessárias para a conclusão de seu trabalho de conclusão de curso do curso de letras/português da universidade federal do Tocantins, cujo tema é Sofrimento e prazer no trabalho de professores de língua portuguesa do ensino público de Araguaína/TO.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Nome: Anne Raytielle Moura da Silva, Cargo: Docente do curso de Letras/Português, E-mail: annetielle@mail.uft.edu.br, Telefone: 063 - 99273 2004.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Araguaína, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do(a) pesquisador(a):
